

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***RONALDO FERNANDES ESPÍNDOLA***  
(Entrevista)

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – A fala dos comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil

Entrevistado – Ronaldo Fernandes Espíndola (RE)

Entrevistadores – Dilene Raimundo do Nascimento (DN) e Ana Paula Zaquieu (AP)

Data – 21/05/1998

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 1h46min

Transcrição – Marcela Avila

Conferência de fidelidade – Ives Mauro Junior

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

ESPÍNDOLA, Ronaldo Fernandes. *Ronaldo Fernandes Espíndola. Entrevista de história oral concedida ao projeto A fala dos comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil*, 1998. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 39 p.

## Sumário

### Fita 1 – Lado A

A formação familiar; a profissão do pai; Corumbá, Mato Grosso, sua cidade de origem; as viagens do pai, que era ferroviário; a separação dos pais; a ascendência espanhola por parte de pai. Rápidas considerações sobre o caráter dos espanhóis; as lembranças do pai, sua seriedade e rigidez na educação dos filhos. O impacto causado pela descoberta da traição do pai, que constituiu, em segredo, outra família. O retorno do pai e a recusa da mãe em reatar o casamento. A resistência diante da imposição do pai, que queria colocá-lo numa escola agrícola; a melhora na condição financeira do pai; a fragilidade de seu estado de saúde atual; a preocupação dos irmãos com a partilha dos bens adquiridos pelo pai. A sua liderança entre os demais irmãos e a construção da casa de sua mãe em Corumbá; a morte de um dos seus irmãos. Ressalta sua liderança, mesmo que exercida à distância. Relembra outros episódios de desavenças familiares em que ficou marcada sua liderança sobre o restante da família. O impacto da separação dos pais na rotina da família; a morte de uma tia e a atitude de sua mãe que, comovida, acolheu toda a família em casa. O impacto do crescimento repentino da família em seu cotidiano.

### Fita 1 – Lado B

Os encontros agradáveis com os primos e as lembranças da infância de dificuldades, vivida junto aos irmãos e aos sete primos. A trajetória escolar: o curso profissionalizante no SENAC e o ingresso na Marinha, como fuzileiro naval, aos 17 anos; a mudança para o Rio de Janeiro. A volta do pai e a recusa da mãe em aceitá-lo; a exclusão do pai das decisões da família; seu apoio à decisão da mãe; o descontentamento inicial com a chegada dos 7 primos pequenos e o posterior aprendizado a partir da convivência com a nova família; a amizade estabelecida entre eles. O ingresso na Marinha, transferência para o Rio de Janeiro, estratégias para conhecer a cidade e sua rápida adaptação; a permanência na Marinha até o afastamento compulsório devido à sua soropositividade. As namoradas; a opção por manter relacionamentos estáveis e duradouros; o relacionamento com a mãe de seu filho; a gravidez inesperada e a decisão de morarem juntos no Rio de Janeiro; o fim do relacionamento. A experiência da paternidade; a resistência da família da namorada em aceitar sua gravidez; as mudanças no relacionamento com o filho; a atual proximidade entre eles. A separação e a decisão de morar com uns amigos do quartel na Ilha do Governador. Problemas com vizinhos e a decisão do grupo de mudar para uma casa, ainda na Ilha do Governador; o ótimo relacionamento com os amigos. O casamento dos amigos. Os relacionamentos: o longo namoro com Hadne; a paixão por Alice e o início deste relacionamento com Alice; o contato com seus pais.

### Fita 2 – Lado A

A ida à casa dos pais da nova namorada; sua paciência com a impontualidade dela; o constrangimento diante da naturalidade com que ela o convidou para conversar no quarto; o flagra com outra mulher e o fim do romance; o arrependimento por tê-la traído. A iniciação sexual; os contatos com as primas; o controle da mãe e da avó sobre o comportamento das crianças; os contatos sexuais com as namoradas da escola; os passeios com as meninas; relembra o constrangimento de uma menina ao ficar menstruada durante um dos passeios da escola. A mudança para a escola rural; cita uma

festa organizada, sem o consentimento da direção da escola, durante a visita para conhecer a escola. Cita dois momentos em que fez prevalecer seu senso de responsabilidade: a desistência em manter relações sexuais com uma colega de escola ao saber de sua virgindade e, anos depois, quando se recusou a manter relações sexuais sem preservativo, durante o primeiro carnaval depois do diagnóstico. O uso de preservativo apenas como método contraceptivo. Os objetivos e a periodicidade do exame de saúde exigido pela Marinha; a surpresa diante do teste positivo para HIV. A retrospectiva de alguns relacionamentos anteriores; o alívio depois de constatado que suas parceiras não tinham sido contaminadas. A vontade de manter contato com Alice, uma de suas ex-namoradas. A decepção com Hádna, a namorada que ameaçou processá-lo por tê-la exposto ao risco de contaminação. O longo tempo de relacionamento entre os dois, a opção de morarem juntos; o fim do relacionamento.

## Fita 2 – Lado B

A opção pela praticidade de morar junto; o desejo de casar oficialmente com a atual mulher. O impacto do diagnóstico; descreve a rotina que antecedeu a notificação de seu diagnóstico; a consulta com o médico da Marinha; a volta para a casa; a surpreendente solidariedade dos amigos do quartel que, apesar da total desinformação sobre a doença, foram com suas famílias visitá-lo. O contato superficial com o médico que iria acompanhar seu tratamento; a certeza da morte imediata e a decisão de abandonar tudo e viajar pelo país. A volta definitiva para o Rio de Janeiro e o início do tratamento no hospital Marcílio Dias.

### Fita 1 – Lado A\*

DN - Vamos dar início a entrevista com Ronaldo Fernandes Espíndola para o Projeto: A Fala dos Comprometidos ONGS e AIDS no Brasil. Hoje são 21 de maio de 1998. Estamos no Rio de Janeiro. Os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Ana Paula Zaquieu.

Ronaldo, a gente... tava querendo saber de você quando você nasceu? como é que foi? como foi a sua infância?

RE - Bom, eu nasci no dia 17 de agosto de 66, no estado do Mato Grosso, numa família de... eram cinco homens e duas mulheres. O meu pai... era ferroviário, é ferroviário ainda, aposentado, atualmente. Minha mãe sempre dona de casa, como no interior do Brasil. E assim fui criado com dificuldade, nós éramos, sempre fomos uma família pobre, sem muita condição. E foi com sacrifício até... estudando...

DN - Em que cidade do Mato Grosso? No interior, né?

RE - É... Corumbá.

DN - Corumbá.

RE - É. Fica próxima a fronteira da... conhece, né?

DN - Conheço Corumbá. (*risos*)

RE - Então. Aquela cidade maravilhosa.

DN - E, aí, ele era ferroviário naquela estrada que ia pra Campo Grande?

RE - É. Ele fazia o trecho...

DN - Que vinha até Bauru, não?

RE - Vinha. Mas, ele fazia muito eh... eh... posterior, tipo assim, ele vinha pra Campo Grande de Campo Grande ele ia pra Assunção, no Paraguai, de trem.

DN - Hum.

RE - Que naquela época, o Paraguai não tinha, então, o Brasil é que fazia isso tudo. Então, ele vinha de Campo Grande, então ele passava cerca de uma semana fora de casa. Aí, ele voltava. Como ele era o chefe, então não podia ficar muito tempo ausente, ele vinha, passava três, quatro dias, já viajava de novo. Então, era a gente quase não teve muita presença do pai dentro de casa. Sempre quem foi a chefe foi a minha mãe,

---

\* LEGENDA:

Palavra sublinhada – demonstra ênfase na fala.

Ininteligível – palavras incompreensíveis devidos a problemas de gravação ou fala.

com sete filhos. E... eles se separaram quando eu tinha... uns sete pra oito anos. Porque, ele tava querendo mudar de cidade, ele tava querendo mudar de Corumbá pra Bauru, porque... ele tava pleiteando uma transferência e sem falar pra ninguém. Aí, quando a transferência veio, ele chegou e falou assim: “Ah! Fui transferido, nós temos que ir.” Aí, minha mãe depois soube que não era nada disso. E, aí, minha mãe falou assim: “Ó! Não vou... não quero... deixar tudo o que a gente tem aqui pra aventurar numa cidade estranha.” Aí, minha mãe falou que não ia, ele falou que iria. Ela falou: “Bom, se você for, então pode ir.” Aí, ele pegou, fez as malas e foi. Numa boa!

DN - Quer dizer, ela soube que a, que a iniciativa tinha sido dele...

RE - É, justamente.

DN - ...e não da Ferrovia, né?

RE - Exatamente. Ele usou isso tipo um argumento que tem que ir porque com certeza ele sabia que ela não iria topa. ... Pergunta mais.

DN - Os avós, também, são de lá, Ronaldo?

RE - Não. É...

DN - Vocês tinham avós próximos?

RE - Por parte de pai, os meus avós são espanhóis, eles vieram pra Espanha com meu pai... tinha o quê? Meu pai tinha uns dois anos, três anos. Aí, moraram s... ere... em Porto Alegre. Aí... de Porto Alegre, eles...

DN - Seu pai é espanhol, então? Ele veio com dois anos pro Brasil?

RE - É, mas só que quando ele chegou no Brasil, ele não era nem registrado na época.

DN - Hum.

RE - Ele foi registrado no Brasil, então, ele dizia que ele era brasileiro, ele dizia que ele era brasileiro. E por parte de, de... de mãe, eh... a maioria eram de Minas, do interior de Minas. Meu avô plantava algumas coisas, aí... como naquela época a terra você não comprava você apossava. Então, ele foi procurar umas terras, saiu igual a um doído aí... meteu os pés pelas mãos e conseguiu pouca coisa. Mas, por parte do meu pai, também, foi uma, uma vida difícil, porque eles eram... se não me engano, treze irmãos. Era... pequena p... criavam animais de pequeno porte num sítio lá no sul. Mas, a maioria saíram do sul quando houve uma, se não me engano, procura de terra em Mato Grosso. Então, eles foram todos pra Campo Grande, que é a capital de Mato Grosso do Sul, onde chegaram com toda família e cada um foi seguindo o seu rumo, fora até aqui. Na verdade, hoje em dia eu acho que ninguém se lida mais com terra, com... os meus tios. Então, da parte de minha mãe eram... o primeiro casamento de meu avô com minha mãe foram dois filhos, minha mãe e o irmão mais velho dela, o meu tio Adão, que inclusive faleceu há pouco tempo. Aí, minha avó, infelizmente, minha avó se suicidou, porque ela tinha... porque naquela época quem era... tinha problemas mentais era tratado não como, como maluco, mas como... uma Inquisição, né? Era choque, remédio muito

potente. Então, ela não agüentou, se suicidou e o meu avô casou de novo e aí teve mais um, dois... uns quatro, quatro tios, também. Que ela ainda é viva hoje a minha avó, a gente chama de avó, a minha avó e os meus tios.

DN - Que aí vocês assumiram essa, essa outra esposa do avô como avó? É isso?

RE - É, nós assumimos.

DN - Hum. Eh, oh, (*tosses*) Ronaldo, recentemente, descreveram pra gente, né, Ana Paula? Os espanhóis como pessoas é... pessoas firmes, como é que foi? Fiéis...

AP - Ah, sim! Fiéis, firmes (*sussurando*) e contritas, né? No sentido de sérias, né? Não é isso? Não foi isso?

DN - É.

AP - Sérias, responsáveis...

RE - Meu pai sempre teve...

DN - Persistentes.

AP - Decididas.

RE - É.

DN - Decididas, persistentes, fiéis.

RE - Meu pai sempre foi isso.

AP - Fundamentalmente fiéis.

D.N. - É.

RE - Eu guardo sempre na memória uma, uma coisa... são duas coisas que eu guardo. A primeira é uma foto que tem em casa, inclusive, eu tava com o meu irmão caçula quando eu tive lá em jan... fevereiro, aí ele me mostrou a foto. Eu achei ridícula a foto. Tá minha mãe, com o meu irmão caçula, era bebê de uns quatro, cinco meses no colo, eu e o meu irmão menor do que eu, que infelizmente, faleceu há pouco tempo. ... A gente tinha tanto respeito pelo, pelo nosso pai que a gente tava assim olhando pra ele. Eu e o outro pequeninho assim olhando pra ele. E ele assim sério. E, também, o que eu guardo muito dele é que... quando a gente... eh... se eu tava de noite dormindo ou então deitado, fazendo alguma coisa, eu ouvia ele chegar, porque naquela época o sapato dele, eu lembro muito bem que era espelhadíssimo e era um couro macio. E ele era todo charmoso, todo... ele usava terno, então, ele andava o sapato dele, o couro do sapato fazia um barulhinho, que onde eu ouço esse barulho, eu me lembro dessa história. Que ele vinha com aquele sapato, e aí, o nosso quintal era grande, ele vinha abria o portão, ele vinha com aquele sapato, assim, e aí eu falei: “Papai tá chegando.” Aí, ele vinha todo sério, não gostava negócio de muito abraço, negócio de muita coisa, o todo... Ele era tipo aquele o senhor... o meu pai não fumava, não bebia, não falava

palavrão. Com ele tinha que ser tudo certinho, ninguém pisava na bola com ele se não o couro cantava, ele era fogo. Então... com a minha mãe não. Com a minha mãe sempre já foi mais liberal. Mas, eu guardo disso dele que eu lembro sempre disso. Aí, vocês falaram agora da seriedade, ali, eu lembrei que de fato ele era assim. Ele era rígido. Ele era tipo aquele... até hoje ele ainda tá vivo... ele deve tá, não me lembro ao certo a idade dele, mas ele já tá com uns oitenta e poucos anos, ou mais.

AP - Nossa, então ele foi pai bem velho? Bem idoso?

RE - Foi, foi idoso. E outra coisa, após a separação que nós fomos saber que ele tinha uma outra família. Sem, sem...

AP - Então ele não era fiel? (*risos*)

RE - É, justamente. Já pula um. Aí, ele... inclusive um dos filhos que ele tinha com a outra mulher tem o mesmo nome que eu, Ronaldo, mas só que ele é mais novo que eu. Aí, eu falei assim, aí, eu ficava pensando: “Pô! Será se ele queria fazer uma outra família. Já pensou se ele tivesse sete filhos com a outra mulher ele ia botar o nome de todo mundo. Só faltou a mulher chamar Maria também, né? Aí, ele falava que se enganava de casa. Mas, aí então sempre eu atentei a isso. O meu irmão caçula fica... muito chateado porque... o meu irmão caçula é o único que é a cara escarrada dele. Foi o rapa do tacho, mesmo. Meu irmão caçula é branquinho, olhos claros, cabelo bem lourinho. E meu pai foi assim. A única coisa que eu puxei do meu pai foi o cabelo, o cabelo grisalho... e talvez no modo de agir.

AP - Sempre foi grisalho o seu cabelo?

RE - Começou com uns... quatorze anos, mais ou menos. E quero que fique logo todo branco pra ficar melhor. Aí... meu irmão caçula fica chateado com isso quando ele soube que tem um irmão que, também, chama Ivan. Pô! Ele ficou muito chateado.

AP - Ah, todos os irmãos...

RE - Não. Só um que tem o meu nome e o outro que tem o nome do Ivan.

AZ - E ele só teve dois filhos no outro casamento?

RE - Só dois.

AP - Ah, bom! Agora eu entendi. Quer dizer se ele tivesse sete...

DN - Ah, por isso é que você disse que se ele tivesse sete teriam sete nomes repetidos.

RE - Exatamente. Aí, aí depois que ele soube dessa história ele... ele chegou em Bauru se aposentou lá em Bauru. (*pigarreou*) Aí, demorou uns dois ou três anos, ele voltou.

DN - Pra Corumbá?

RE - É. Aí, ele voltou e falou assim: “Ah! Voltei, mas sei o quê...” Mas, minha mãe falou: “E aí? O que que eu tenho com isso?” “Não, não sei o quê...” Ela: “Não. (*Ruído*



*de negação*) Tem volta não.” Ele falou: “Poxa, não tem volta?” Ela falou: “Não, não tem volta não.” Que minha mãe sofreu muito com isso, aí ela não quis voltar. Então, ele comprou um sítio próximo, em Aquidauana. Aí, ele inclusive insistiu pra que eu fizesse curso de... de agronomia lá no CERA, que em Aquidauana tinha um CERA, um Centro Integrado Ruralista, de escola rural, não sei do que. Aí, eu fui lá no CERA e era regime de internato. Você chegava lá, quem era tinha, por exemplo, tinha muito paranaense e rio grandense, gaúcho tinha muito. Então, o ritmo lá era internato mesmo. Os adolescentes só iam pra casa nas férias ou quem morasse muito próximo, final de semana. Sai no sábado de manhã, mas domingo à noite tinha que tá na escola. Eu fui lá, fiquei duas semanas, fiz as provas. Mas, aí, não quis, não tinha nada a ver. Apesar de que eu gosto de terra pra caramba. Mas, eu acho que era uma imposição e eu não aceito muito as imposições. Aí, quando ele voltou, ele, inclusive... o meu irmão caçula atentou que... pra ver como é que fica, depois que meu pai se separou de mamãe ele conseguiu algumas coisas, graças a Deus. Ele conseguiu uma certa... um certo, uma certa quantidade de dinheiro, por exemplo, comprou um sítio. Ele tem uma boa casa em Campo Grande, uma casa que pelos padrões que nós vivíamos, uma casa muito boa, o nível de vida que ele tem hoje em dia é muito bom, é muito bom. E meu irmão caçula esses dias foi...

DN - Ele mora ainda em Campo Grande?

RE - Mora.

DN - Seu pai?

RE - Mora. A mulher que ele tinha faleceu que eu soube e os filhos dele, eu não sei se ele mora com os filhos. Um tio meu que encontrou com ele, o meu irmão caçula, também, encontrou com ele. Falou assim: “Puxa! Ele tá tão...” Eu acho, eu não sei como que ele... eu entendi dessa forma, que na época como ele era uma pessoa que, que comandava, falava, ele tinha que ser como ele queria, que na condição de saúde dele, porque ele não podia, ele dependia de alguém pra dar comida pra ele, pra levar ele pra passear, pra andar com ele. Ele se sentia humilhado. Humilhado de estar passando por aquilo. Aí, meu irmão eu acho que falou assim: “Poxa! Ele tá perdido. Eu acho que ele tá muito angustiado.” Eu falei: “Claro, a pessoa que sempre mandou, sempre quis o que quis, fazia o que queria, chega numa hora que você tem até pra ir no banheiro ou então acordar no meio da noite tem que chamar alguém.” É uma certa forma humilhante a ele. Principalmente, pra ele que era uma pessoa... muito orgulhosa, muito orgulhosa. Nisso de uma certa forma machuca bastante ele. E... (*tosses*) eu não quero nem me meter nessa história muito, porque eu acho que... o meu irmão caçula é que tá querendo alguma coisa. Eu falei: “Então vai lá ver ele.” Mesmo se a gente ganhasse alguma coisa eu não queria. É...

AP - Ele faleceu?

DN - Não!!

RE - Não, não faleceu. Mas, ele... ele tinha algumas coisas... eu... o irmão, o meu irmão que chama Ronaldo também, começou a vender algumas coisas. E aí, que o meu irmão caçula falou que não pode fazer isso. Principalmente, porque, se somos sete com mais dois, nove. Então tem que ver. Infelizmente, eu já perdi um irmão, agora diminuiu,

somos oito. Mas tem que haver um inventário. E se ele tá vendendo, e aí meu irmão procurou saber, ele tem uma procuração assinada pelo meu pai. Mesmo ele tendo uma procuração, ele não pode fazer isso. Aí, meu irmão falou assim: “Ah! Vamos entrar na justiça pra botar que meu pai não tem condições... mentais pra, pra assinar uma procuração e coisa.” “Ah, eu não quero nem saber você quer ver lá, resolve sua situação, vai lá que eu não quero.”

DN - Ronaldo, você é o mais velho deles, não?

RE - Não. Eu sou dos homens... eu sou... dos homens, eu sou do meio, e sou o quinto... eu sou do quinto. Mas, eu sempre tive uma... uma... como é que eu vou dizer pra você assim?

DN - Uma liderança entre os irmãos?

RE - É, uma liderança entre eles, porque... não sei porque. O meu irmão mais velho tem quarenta e poucos anos. Eu saí de casa com... dezessete? É dezessete pra dezoito anos. Eu fui morar sozinho. Desde então... então, sempre eles me... gosta de me ouvir falar, né? Porque, acha que eu tenho uma outra visão, eles que tão lá.

AP - Todos ainda moram lá? Só você que não?

RE - Todos moram lá. Por exemplo, às vezes, tem que, tem que tomar uma decisão, aí, ligam pra mim: “Puxa, fulano! Aconteceu isso, isso, isso e isso.” Eu falo: “Tá! Fala pra fulano ligar pra mim.” Aí, liga: “Pô, cara!” Dou logo um esporro. “Não! Mas não é assim, não foi bem assim.” Eu falo: “Então, faz a coisa certa, porra!” Aí, tá. Eu ligo duas semanas: “E aí? Ah, tá bom, não sei o quê.”

Minha mãe, por exemplo, tá construindo uma casa. Aí, eu fui lá... Aí, cheguei lá, falou assim: “Como é que é o terreno?” É tipo... o terreno é tipo assim... Corumbá é aqui e região dos Lagos, tipo... distância assim. Aí, eu fui lá ver o terreno, aí olhei o terreno assim, fiquei parado e já fiquei imaginando como que a casa deveria ser, né? “Eu já sei como a casa vai ser.” “Como é que é?” Eu peguei um papel... (*ruído*) desenhei a casa: “Ó! A casa vai ser assim.” “Mas, por que assim?” “Vai ter que assim, porque disso, porque disso, porque disso.” “A casa tem... como o terreno é pequeno, a casa tem que ser bem posta no terreno...” Aí, meu irmão queria fazer no cent... a casa no centro do terreno, o mais velho. Eu falei: “Não, negativo. A gente vai perder muita área.” É uma área de, de... porra! Mamãe, mamãe vai morar lá. Mamãe pode plantar, é... pô! Vamo aproveitar a área. Aonde era a cerca, mandei arrancar a cerca... a casa já começou aqui, no lugar da cerca. Aí, já começou com uma, um corredor que dá de frente pra um banheiro, uma cozinha ampla, aí, um corredor onde que vai ser três quartos e na frente toda uma sala e do lado eu quero botar uma varanda com telha... telha francesa pra pô, botar uma rede, a gente ficar, queimar uma camisinha... Então, eles: “Pô, fica legal!” Então, pronto vai ser assim. E, aí, esse meu irmão caçula que morreu, o meu irmão que faleceu, né? Faleceu no dia 23 de... fevereiro. Ele falou assim pra mim: Então tá. Vamos executar então.”

AP - Esse que faleceu é o caçula?

RE - Não, era o... do meio entre eu e o caçula.

Aí, ele falou assim: “Vamos agir pra gente... pra gente executar.” Eu falei:

“Então, tá!” Eu falei: “Quem é que tem dinheiro aí?” Aí, todo mundo: “Ah, pô!” - todo mundo chorando, né? - “Pô! Não tenho... Tá ruim... Que não sei o quê...” Aí, minha irmã falou assim: “Ó! Eu não tenho mesmo. Eu tô construindo ainda, também.” Eu falei: “Bom, você tá liberada. Só quero um favor teu...” - o meu cunhado, que é o marido dela, que, pô, é meu parceiro pra caramba, ele trabalha na... numa fábrica de cimento. Então, ele tem condições de comprar cimento, pedra bem mais barato, pra funcionário é bem baratinho. Eu falei: “Não! Eu vou comprar.” Só ficou eu. Eu tava com dinheiro, eu falei: “Só quero vê qual é a do pessoal...” Aí comecei: “Vambora, vamo coçar...” Aí, neguinho: “Não, não.” Aí, minha mãe tinha um dinheirinho no banco, né? “Não, eu tenho um dinheiro no banco, não preciso...” Eu falei: “Não! Precisa.” Aí, me deu 150, outro chorando deu mais 100 aí foi indo, foi indo, catei, consegui arrancar algum, né? Aí, eu falei: “Bom, agora sim. Eu tenho mais um tanto aí. Vambora.” Aí, eu peguei o dinheiro da mamãe. Aí, como lá o local é muito ruim, você tem que pagar o frete do caminhão pra levar, quarenta reais. Aí, comprei logo. Comprei um caminhão de pedra, comprei um caminhão de areia, comprei... 30 sacos de cimento, comprei três mil tijolos, comprei tudo. Comprei tudo... Minha mãe: “Pô! Tu é maluco. Eu falei: “Maluco não, deixa aí.” Aí, esse meu irmão que faleceu, até onde ele pôde, ele foi fazendo a casa da mamãe.

AP - Ele mesmo?

RE - Ele mesmo. Porque, ele já tava com problema de saúde. Né? Inclusive, eu falei pra ele assim: “Não... pára de trabalhar, porque você vai morar com a mamãe.” Ele: “Não. Como é que eu vou viver?” Eu falei: “Não, não se preocupe não, porque todo mês... dá pra eu mandar um dinheirinho pra você aí. Não esquenta não. Vai lá.” Ele: “Então, tá!” Aí, ele começou a construir e tal... devagar. Até que não deu mais pra ele trabalhar, aí, teve que parar de vez. Mas... saiu como eu queria, a casa.

AP/DN - A casa já tá pronta?

RE - Tá pronta. Saiu como eu queria.

DN- Já fez um churrasquinho lá? (*risos*)

RE - Não.

DN - Ainda não deu tempo? (*risos*)

RE - Não, a minha mãe, depois que o meu irmão faleceu, depois de... 20 dias, ela veio pra cá, pra passar uma temporada aqui comigo, pra esfriar a cabeça. Inclusive, era pra ela está aqui no Rio, mas como ela não conseguiu receber o dinheiro dela, aqui, da aposentadoria, inclusive. Ela ganha da aposentadoria e tem um dinheiro do meu pai. Desde quando ela se separou do meu pai, ele dava um... uma quantidade de dinheiro pra o subsistir da família, né? E nós fomos crescendo e ele não foi cortando. Então, a, a porcentagem que ela ganhava quando separou dele é a mesma que a atual. É quase 50% do que ele ganha. Então, mas... ele não cortou, ele não foi lá no juiz: “Ah, tão todos grandes só tem ela...”, não. Esse... ele teve esse, essa bondade, no caso obrigação, não sei. Aí, ela não conseguiu receber o dinheiro. Então, ela ficou doida aqui. Ah, quero ir embora, quero ir embora. Fui no banco com ela. Ela: “Ah, não dá, não dá.” Aí, ela pegou e voltou. Eu falei: “Então, vai embora.” Ela chegou lá, comprou as coisas, a casa

tá pronta. Aí, eu pretendo ir pra lá.

AP - E você exerce essa liderança de longe né? Porque Corumbá, se você não vai lá sempre, né?

RE - Não vou lá sempre, exatamente.

DN - Eles todos moram lá?

RE - Todos moram lá. E todos pertos. Por exemplo, tem uma... tem... eu tenho um problema na minha família que um irmão meu se acidentou de carro, aí, ele teve problema de... perda de massa encefálica. Mas, ele, pô, é lúcido, conversa, é totalmente... Mas, só que ele, ele, ele se casou com uma mulher... pra mim é uma santa! Porque, a mulher... atura ele e ele fica: “Ah, não sei o quê...” Teve um dia que eu tava lá, ele falou assim: “Ah, vou sair.” Eu disse: “Tá.” Aí, ele pegou e saiu. Quando foi de manhã, ela: “Pô! Seu irmão não apareceu.” “Não apareceu?” “Não.” Ele ficou três, quatro dias sumido. Aí, quando foi saber, ele tinha, ele tinha pe, pêgo um ônibus... e foi pra Campo Grande sem avisar ninguém, chegou na casa do meu tio: “Ah, tô passeando, não sei quê, não sei quê, não sei quê, tá?” Aí, depois... aí, minha irmã ligou pra casa do meu tio, ele falou: “Ah, tá aqui.” Ela falou: “Ah, tá aí? Ah, então tá! Deixa ele chegar.” Aí, eu falei assim: “Neuci...” - Neuci é o nome dela - “Neuci, vamo dá um susto nele. Passa sua mala.” (*tosses*)(*ininteligível*) ...pegou tudo. Pegou tudo que ela tinha. Eu falei: “Ah! (*ininteligível*) Não, vamos fazer bem feito. Vamo levar geladeira, vamo levar tudo.” Fui, peguei um carro botei geladeira, televisão, tudo em cima e (*estalar de dedos*) lá pra casa do filho dela, do filho dela não, a casa é dela. A casa é boa. Aí, chegou na casa arrumou os móveis lá, tamo lá. O cara quase teve um troço quando chegou em casa, a casa limpa, só as coisas dele. “Porra!” Aí, mamãe: “Viu? Você sumiu, não sei o quê...” Aí, ele fic... ficou doido. “Ah, eu vou lá falar com ela, porque não pode ser...”, chorando. “Ah, eu vou lá.” Eu falei: “Não, não vai. Dá uns dois dias.” Aí, ele ia lá chorava, que não ia fazer mais isso, que não sabia, que mandou avisar, que não sei quem não avisou. Mas, chorou, chorou, chorou. Aí, ela voltou. Eu falei: “Tá vendo, seu filho da mãe, como que tu é? Pra tu ver o que que tu ia perder?” Aí, agora parece que ele deu um tempo. Parou um pouquinho de fazer essas gracinhas. Aí, tu dá um susto assim o cara... (*risos*)

Mas, é bom. A família... exerce muita influência. Por exemplo, teve... tem um problema sério na nossa família, que meu irmão mais velho tem um filho de... vinte... e dois anos, se eu não me engano e ele tem problema com tóxico. Ele fuma e cheira... muita cocaína. E... esse é um dos motivos que eu acelerei a construção da casa da mamãe, porque a mamãe indo pra lá, não tem mais que aturar certas pessoas dentro de casa, aí, quando eu vou pra lá, ele roubava. Mamãe fazia compra, ele levava carne, eh... mantimento, ele roubava tudo. Mantimento, brinquedo dos, dos sobrinhos, tudo o que ele via na área ele queria levar. Ele chama a minha mãe, de mãe. Então, teve um, eu estava lá, eu vi umas cenas lá e... eu quase me esquentei com ele, aí, eu falei pra ele: Ó! Eu proíbo você de chamar mamãe de mãe. Se eu vê você chamando ela de mãe você tá ferrado (*bater de mãos*) na minha mão. Onde eu estiver, eu venho aqui.” Aí, eu soube que ele parou de chamar ela de mãe. Ele saiu uns tempos de casa, porque eu falei pra ele assim: “Ó! Se você... você tá vendo que tá todo mundo sofrendo aí, inclusive, meu irmão...” Porque meu irmão, eu conversei com ele, né? Eu falei pra ele assim: “Pô! Você, como pai, tem que tomar uma atitude. Você tá vendo que ele tá destruindo pô, a família toda.” E todo mundo, ninguém ficou, meu irmão caçula que mora, ele é casado,

mora... num bairro mais afastado. Pô, ele chega, vê o cara fica doido. Aí, meu irmão quer pegar ele de pau, aí, fica aquela confusão. Pô, já, vira uma... sempre... acaba... fica todo mundo tenso. Aí, eu falei pro meu irmão: “A gente tem que fazer alguma coisa. Como é que pode ficar? Daqui há pouco sai uma tragédia aí, um vai querer pegar o outro de faca. Não vai ficar certo.” Aí, ele: “Ah! Mas eu sou pai. Você tem que compreender.” Falei: “Claro! Eu compreendo perfeitamente. Mas, só que eu acho que a gente tem que ter uma atitude mais forte com relação a isso.” Aí, agora tá vendo como é que fica.

Esses dias, por exemplo, comprova o que você própria falou da liderança de longe. Deu um problema lá que minha irmã, que mora do lado com, com... e minha mãe tava aqui no Rio, minha irmã tinha acabado de ir pra lá. Porque minha irmã veio trazer a minha mãe e depois voltou. Que ele chegou, quando foi três horas da manhã, com ele querendo pegar meu irmão de, de porrada lá, bater no meu irmão que tem quarenta e poucos anos. Aí, meu cunhado teve que sair, abrir a porta ir lá pegar meu irmão. Aí, ela me ligou. Aí, minha irmã falou pra mim: “Não fala nada pra mamãe, não.” Eu não tenho nem idéia de falar pra ela. Aí, eu falei assim pra ele: “Fala pro meu irmão ligar pra mim.” Aí, no outro dia de manhã oito horas da manhã ele me ligou. “Que que tá havendo aí?” Ele: “Não tá havendo nada, não.” “Claro que tá. Tá acontecendo isso, isso, isso, isso e isso.” Ele: “Pô, o pessoal aqui é fogo! Você já tá sabendo.” “Claro, pô! O que que tá havendo?” “Não... Ah, foi um desentendimento bobo.” “Que desentendimento bobo, rapaz! Toma uma atitude.” Ele: “Não, não, eu não sei o que eu faço.” “Não sabe o que você faz? Então, tá. Deixa que eu vou fazer aqui da distância mesmo.” Aí, peguei o marido da minha sobrinha, o... irmão del, dele é... é delegado. Aí, fui, dei um toque nele, tem uns amigos meus, também, que serviram comigo, aí, liguei pruns dois, três lá, pronto! Pegaram o cara deram um susto nele bom! Mas, aí, meu irmão... por isso que eu falo coração de pai é fogo! Pegaram ele e levaram ele. Aí, meu irmão falou assim... aí meu irmão foi lá na delegacia chorou, chorou, pediu pros caras tal, aí, eles soltaram ele. Aí, eu cheguei... aí, meu irmão ligou pra mim falou assim: “Pô, não sei quê... não pode, Ronaldo. Eu sou pai. Como é que eu posso ver o meu filho sofrer?” “Eu sei que a gente, nós compreendemos isso. Eu tenho um filho que vai fazer 13 anos e eu acho que na... se eu tivesse numa situação igual a sua eu faria a mesma coisa. Só que tem o seguinte: você tá vendo que, a qualquer, hora quem vai dançar é você. Você é que vai ter sérios problemas com ele. Você já tá tendo e muito tempo, problema com ele.” Aí, ele falou assim: “Ah! Mas a gente vai contornar isso.” Eu falei: “Ó! Quantos anos eu tô ouvindo isso aí? José, a gente tem que tomar uma atitude, principalmente, você. Principalmente, você.”

Aí, um colega meu lá falou assim: “Ó! Vamos fazer o seguinte...” Queriam pegar ele, armar, armar um flagrante, não. Que flagrante, pra pegar ele num flagrante é molinho. Pegar ele, manda ele cumprir uma pena, tipo três, quatro anos de cadeia, bem puxado, eu acho que... eu não sei se resolveria, né? Porque, como tá a cadeia pública hoje em dia... Porque, ele já foi pra clínica, não deu jeito, pagamos clínica, todo mundo deu um pouquinho, foi pra clínica não deu jeito; conselho, psicólogo. Quando chegou com duzen... duez... dezenove anos já tava consumindo droga uns três, quatro anos. Eu falei: “Ó! Não tem mais jeito não.” Eu falei: “Do meu bolso não sai mais nada e dos outros, também, não vai sair mais nada.” Aí, meu irmão: “Pô, mas tem que ajudar.” “Ajudar mais? Não.”

DN - Ele começou bem na adolescência, mesmo?

RE - Bem na adolescência. Então, não tem mais isso. Desestrutura uma família inteira,

né?

DN - Agora, Ronaldo, você tava falando seu pai, seu pai e sua mãe se separaram você tinha sete anos, não é isso?

RE - É, sete pra oito.

DN - Sete anos. Eh, como é que foi isso de repente, em suma, não ter mais o pai em casa? Apesar de você ter dito que o seu pai... não era muito presente, porque tava sempre viajando...

RE - É.

DN - ...por causa do trabalho. Mas, isso também afetou vocês?

RE - Olha, Dilene...

DN - Afetou a família como um todo? Porque você disse que a sua mãe sofreu muito.

RE - Claro, sofreu muito. Porque, você criar uma família com um pai, eh... principalmente, naquela época sete filhos era bem fácil com, com um pai. Agora, só a mãe. A mãe, aí, minha mãe teve que trabalhar fora, inclusive, minha mãe lavou roupa, muitas, roupa pra fora, naquela época, pra ajudar na educação, comprar uma coisa, comprar outra. E pra, e, justamente, nessa época após a separação de minha mãe uma das irmãs de minha mãe, eu acho que era a caçula (*tosses*) Ela faleceu. Ela faleceu deixou um bebê novinho de... dois meses ou três meses, uma coisa assim. E mais um, dois, três, quatro, cinco, seis, no total eram sete filhos.

DN - Da irmã da sua mãe?

RE - É, que faleceu. Sete filhos e um bebê novinho de dois ou três meses.

DN - Desses sete um era um bebê?

RE - Um era um bebê. Aí, minha mãe: “Ah!” E morava junto com a minha avó e eu tenho um tio, também, que ele é, ele tem, pô, eu esqueci o nome, ele tinha problemas mentais, não era problemas mentais. É tinha problemas mentais que mal a minha avó cuidava dele, né? Então... aí, minha mãe quando soube que ela faleceu, minha mãe ficou desesperada. E minha mãe foi até a cidade onde eles moravam, que era uma cidade pequena, após Campo Grande. Minha mãe chegou lá, viu que eles tavam passando necessidade, pior que a gente, né. Aí, minha mãe se comoveu, se comoveu, não sei o quê...

DN - Levou pra casa?

RE - Aí, quando minha mãe chegou, já chegou com aquela...

DN - (*gargalha*) De sete virou 14.

RE - E não eram sete, eram sete crianças, minha avó, meu tio...

DN - Ah, ela chegou com todo mundo?

RE - Com todo mundo. Minha avó, com o meu tio que tinha problemas mentais e mais o viúvo o marido da tia, da irmã dela. Chegou com todo mundo lá em casa. E a gente vivia, nós vivíamos... bem, cada um com suas coisas e tal. Aí, quando chegou aqueles, desestruturou, né? E todo mundo era quase todo mundo da faixa etária, de idade. Então, se eu tinha uma camiseta, (*risos*) a camiseta não era mais minha, era minha e tua, entendeu? Era sempre uma coisa assim dividida. Um faz... um outro...

### **Fita 1 – Lado B**

DN - Pronto.

RE - Aí, eu lembro que minha mãe falava assim: “Ó! Onde come... set... onde comem sete... sete, eh... comem quatorze, né?”

DN - Que não eram quatorze, né? Eram vinte. (*risos*)

RE - É, mais ou menos.

DN - Mais a avó, mais a tia, o tio, né? (*risos*)

RE - Aí, eu falei assim: “Puxa, mãe!” Aí, até hoje a gente comenta com ela. O pessoal, hoje a gente já ri, porque graças a Deus, todo mundo tá com a vida estabilizada. Tem pouco, mas nós ganhamos, cada um tem a sua casa... Então, aí, ela chegou pra mim, eu lembro que mamãe falou, justamente, isso: “Que onde comem quatorze...” Hoje em dia, a gente brinca assim, eu ia falar isso tinha, me esqueci. Hoje em dia, todo mundo reunido, tomando cerveja, brincando, comendo uma carne, aí, a gente lembra daqueles tempos. Aí, mamãe diz assim: “Vocês...” como é que é? “Você é doida, mãe! Como é que você traz esse bóia-fria?” Eu falo assim pra eles. “Aí, sai pra lá, seu mané!” “Esses bóias fria, mãe! Como é que tu teve essa idéia?” Aí, mamãe ri. Fica quieta. É porque ela sentiu... minha mãe tem um coração muito bom, e, aí, ela sentiu na pele quando viu essas pessoas passando a necessidade... Tanto é que os primos que moravam com a gente somos primos irmãos, né?

AP - Por que eles ficaram mesmo?

RE - Ficaram.

DN - Até crescerem?

RE - Até crescerem.

DN - Até vocês todos crescerem? Cresceram juntos.

RE - Exatamente. Nós crescemos todos juntos, todos juntos.

AP - E era a sua mãe que sustentava todo mundo?

RE - Quem podia trabalhar, trabalhava. Quem não podia, sustentava. Era um quilo de carne dividido pra 14 crianças. O colégio já viu, né? Não saía um, era quase um colégio dentro de casa, uma sala de aula.

DN - Uma turma inteira. (*risos*)

RE - Uma turma inteira. E foi muito difícil, muito difícil mesmo. Hoje em dia... até com minhas primas daqui, que moram aqui, que moram duas aqui, dessas, são duas irmãs, elas falam que... que foi uma fase muito difícil na vida delas. Pô, minha mãe chega aqui no Rio, é que sair de Santa Tereza pra ir pra Campo Grande é muito longe. Então, elas ficam ligando lá pra casa: “Vem, não sei o que...” Minha mãe foi embora no domingo, eu tive que ir num sábado debaixo de chuva pra Campo Grande, porque minha mãe queria ir, queria ir e elas, também, vem, vem, vem. Aí, eu tive que levar a minha mãe lá, porque elas, eu acho que elas adotaram minha mãe como mãe também. Inclusive, mamãe tinha algumas, muitas fotos antigas, inclusive, mamãe tinha uma foto da... da mãe delas. Aí, minha mãe, inclusive, trouxe a foto e deu pra uma delas a foto e, aí, a outra já ficou enciumada, né? “Pô, por que não deu pra mim?” “Não, eu dei pra outra, (*tosses*) mas é pras duas.” Mas, foi uma fase muito difícil na nossa vida, naquela época.

DN - E você foi pra escola com sete anos, Ronaldo?

RE - Fui pra escola com cinco anos de idade. Não pelo fato de... apesar que a escola era acessível, não pelo fato de... eu queria aprender. Mas, a minha mãe era mais um, uma forma deu me ocupar. Por exemplo, se ela ia trabalhar de manhã, com quem que ela ia me deixar? Eu e os meus irmãos, entendeu? Então, ela mandava pro colégio, pô, tá no colégio menos um pra, pra esquentar a cabeça. Aí, eu comecei a estudar com cinco, seis anos de idade... num colégio... público. Mas, tinha merenda... naquela época funcionava as coisas. Aí, fiz... num coleginho perto de casa, eu me lembro até hoje, Fernando de Barros, estudei a primeira série. Primeira? Não. Da... da primeira... é da primeira até a quarta. Aí, eu mudei de colégio, mudei de colégio fiz a quinta série. Aí, passei pra sexta, aí eu já tinha o quê? 13 anos. Aí, abriu concurso no SENAI. Daí eu fui lá no SENAI fiz concurso, fui aprovado. Só que no SENAI é o seguinte: você faz, eh... quinta e sexta e sétima e oitava. Não tem sexta e sétima, aí, eu já ia perder um ano. Eu falei: “Pô, sacanagem!” Aí, fiz de novo a quinta, fiz a quinta, sexta, sétima e oitava. Porque, são dois anos o curso profissionalizante. Aí, fiz. Aí, saí dali, fui fazer meu segundo grau. Fiz 15... pera aí não... 15, 16, 17, com 17 eu me formei no segundo ano. Aí eu...

DN - No segundo grau? Se formou no segundo grau?

RE - É, exatamente. Aí, eu ia fazer um pré, um vestibular, sei lá, o que vier... Mas, na minha cidade só tem vestibular pra... professor e mais nada. Aí, eu falei: “Ué! O que que eu faço?” Aí, prestei concurso pra Marinha. Aí, fiz concurso pra... pro... pro CERA, pro Fuzileiro e fiz pra escola de aprendiz lá em Santa Catarina. Aí, passei nos três, né? Aí, eu falei: “Ah, não vou não.” Aí, entrei pra Marinha, pra fazer o Fuzileiro. Aí, entrei com 17 anos. Não tinha nem completado 18.

DN - Mas lá mesmo?

RE - Lá mesmo. Não tinha nem completado 18 anos, ainda, quando eu entrei. Aí, entrei vim pro Rio.



DN - Era isso que eu ia perguntar. O que que a Marinha faz lá enquanto treinamento, atividade?

RE - Bom, era guarda de fronteira, né? Juntamente com o Exército e com a Aeronáutica.

DN - Hum.

RE - Ela tem a base, lá é o Sexto Distrito Naval, onde tem hospitais, tem escola de aprendiz de marujo, de fuzileiro, tem grupamento de fuzileiro, tem a base naval lá, sediada lá. Tem uma esquadrilha de helicóptero da Marinha, tem esquadrilha do Exército. E em Campo Grande tem a base aérea, né? Então... e de lá eu vim pro Rio com...

DN - Agora, Ronaldo antes de você chegar no Rio, você, eh... você falou... que assim que seus pais se separaram sua mãe trouxe mais uma família... (*risos*)

RE - Mais uma família, literalmente.

DN - ...pra ampliar a de vocês, eh... como você mesmo falou que a sua mãe tem um coração grande, quer dizer... pelo fato de vê eles lá com mais necessidade que vocês, né? Juntou, somou o que se tinha, né? E você disse antes, que seu pai dois anos depois voltou...

RE - Voltou.

DN - ...pra Corumbá e também queria voltar, né?

RE - É.

DN - Queria casar de novo com sua mãe?

RE - É.

DN - Ele, ele falava alguma coisa disso. Quer dizer, ter duas famílias, uma família tão grande de repente.

RE - Não, a intenção dele não era voltar pra mesma casa. A intenção dele era voltar pra minha mãe e mudar pra outra cidade, tipo, Campo Grande. Ele queria mudar mesmo pra Campo Grande ou, também, pro sítio que ele tava já... pretendendo comprar há muito tempo já.

Aí, ele chegou, ele não falou muita coisa não. Primeiro, que minha mãe não deu nem chance. Primeiro, ele não era, não fazia parte mais dessa família.

DN - Por que depois que se separaram ele já não interferia muito?

RE - Exatamente. Ele já não apitava mais. Então, já que ele não fazia parte, minha mãe não nem deu muita bola pra ele: “Ah, não sei quê... vamo pra Campo Grande.” Ela: “Não. Tô bem aqui e tal, pronto. E ponto final.” Acabou a história. Ele ficou ali, tipo assim, olhando: “Ah, tá!” Meio desaprovando... Desaprovando, né? Claro! Mas, não

falou nada não.

DN - Hum.

AP - E você concordou com a sua mãe? Ou não? Você achou que ela devia tê-lo aceitado?

RE - Olha, eu concordei porque... não, não quando eu fui, pô... na época eu tinha o que? Oito, nove anos, mais ou menos, eu fiquei muito chateado, na época, quando ela trouxe aquela turma ... “Ih, acabou com a minha casa.” Foi o meu pensamento. Acabou com a minha casa. Por quê?

DN - Já tenho que dividir com seis e ainda vou ter que dividir com mais.

RE - Já tenho que dividir com seis. (*tosses*) Pô, não e o pior que você viu eu falei o negócio da camiseta, não era, não é brincadeira não. Às vezes, fazia mesmo a coisa. “Ah, não tenho roupa. Toma.” Se eu tinha quatro ou cinco camisetas dá duas pra fulano e fica com três. Entendeu? Aí, era por aí. Aí, eu senti muito, pô minha intimidade... estrapada (*sic*) né? Eu falei: “Pô, brincadeira, né?” Isso nun, num dá certo, eu já tava puto. Mas, depois convivendo com o pessoal, era briga o dia inteiro aquela criança, briga direto, né? Mas...

DN - Mas, no geral a convivência era boa?

RE - É no geral a convivência era boa, mas... mas no início eu sentia muita falta da minha liberdade.

AP - Era sua mãe que liderava todo mundo, assim?

RE - Era minha mãe que liderava, liderava todo mundo. Aí, minha mãe saía pra trabalhar ficava minha avó tomando conta aí, o pessoal ia pro colégio. Na época os adultos, quem já trabalhava era o meu irmão mais velho, o outro meu irmão e um outro primo mais... é outro primo mais velho que era, o Valdir, que tava trabalhando, também. Então, no final do mês fazia aquela...

DN - E essa avó na verdade já é a segunda avó? Já é a avó emprestada, né?

RE - É, justamente.

DN - Como se fala agora, a avó emprestada, né? (*risos*)

RN - É, avó emprestada. Justamente. Mas, era um tumulto. Aí, depois eu crescendo, justamente, isso você aprende a conviver com muita coisa. Não, tolerar também. Eh, principalmente, você dividir opinião. Se a sua opinião não vencer já era. Você fica, ah... chateado, mas tem que aprender. Eu acho que comunidade é isso você saber aceitar a opinião do próximo. E... nós fizemos muita amizade. Eu tive... amizade mesmo de infância, que eu perdi um primo... o apelido dele era Pica-pau.

AP - Era desse grupo, aí, dos sete?

RE - É. Ele era da mesma faixa etária que eu, só que ele era um ano e pouco mais velho que eu. Então, nós nos tornamos mais do que irmão, nos tornamos assim um elo. Então, a gente, pô... Aí, depois a gente ficou separado, ele foi pra Belém e eu fiquei no Rio. Então, a gente se falava por telefone, telegrama, eu ia pra Belém. Passava um telegrama pra ele: “Ah, eu tô chegando em Belém tal dia assim, assim.” Ele ia lá me esperar. Ou então, o navio dele não tava. Pô, não fica chateado. A gente falava por telefone. E com as meninas também. E meu irmão caçula com outro menino, que era o Deo, que era o menorzinho de todos. Então, sempre foi um... a faixa etária de anos como se fosse irmãozinho gêmeo pra brincar, pra passear. Mas, foi bom. Foi uma época... hoje em dia, eu lembro com os meus primos, a gente começa a rir. Mas é divertido.

DN - Deve ter é muita história mesmo?

RE - Muita.

DN - Uma família tão grande! Mais vai, Ronaldo, aí, você disse que entrou pra Marinha.

RE - É.

DN - Aí, ficou lá um tempo ainda na Marinha.

RE - Fiquei lá em Mato Grosso quatro meses. Aí, vim pro Rio. Cheguei aqui no Rio fui... pra Ilha do Governador, sem conhecer absolutamente nada.

DN - Nunca tinha saído de Corumbá?

RE - De Corumbá já, mas assim pra uma cidade tão grande... no máximo Campo Grande. Aí, eu cheguei e falei assim: “Puxa! Brincadeira! Como é que uma coisa tão grande desse porte tá aqui?” Aí, eu ficava perdido.

AP - Mas, você veio pela Marinha?

RE - Vim pela Marinha. Aí, eu cheguei fiquei perdido. Tipo assim: chegou, tá aqui o quartel, tá aqui o teu armário, pronto.

DN - Se vira.

RE - Se vira! Eu lembro que na época... sabe qual o percurso que eu fazia? Era no ponto final do 910, que era no Bananal, Bananal/Madureira, embaixo do viaduto, o ponto final do ônibus. Eu fazia esse percurso direto. Aí, via um ônibus eu falava assim: “Pô, esse ônibus vai pra onde?” Aí, eu pegava esse ônibus e ia pro ponto final dele e depois eu voltava pro ponto de origem. Então, eu fazia isso direto, pra ir conhecendo a cidade. Pegava o 328, ia até o Castelo, depois pegava ele de volta ia até o quartel, que é ponto final. Aí, assim... fui criando asas. E... sempre fui... como diz no linguajar de Marinha, muito safo, então me dava o endereço na mão chega em tal lugar: “Como é que eu chego em tal lugar?” “Faz assim, assim, assim.” Ia certo, nunca errei, nunca me perdi, graças a Deus! E fiquei na Marinha durante 13 anos, na Marinha, 13 anos e... e foi quando eu fiz...

DN - Quer dizer, você entrou pra Marinha já com 18?

RE - Não tinha 18 ainda.

DN - Não tinha 18 ainda?

RE - Não tinha. Aí, foi quando num teste compulsório, eu vi que tava infectado.

AP - Mas, você falou que tem um filho de 13 anos, não é isso?

RE - 13 anos.

AP - Ele nasceu nessa época, então? Se ele tem treze anos...

RE - É. Aí... Lá no Mato Grosso eu já namorava a Ana, que é mãe dele. Ela tinha...

DN - Você tinha muitas namoradas nessa... na adolescência?

RE - ... Tive. Mas não muita assim que eu. Eu tinha certinha, ficava com uma ano, um ano e pouco. Sempre foi. Não tinha aquela de como hoje, ficar. Na minha época, não tinha esse negócio de ficar. Era chegar namorar mesmo, seis meses, oito meses... Ah, enjoou pronto, aí, troca. Mas, a Ana eu a conheci... aí, começamos namorar... namoramos... durante um ano, mais ou menos. Aí, ela ficou grávida... aí, ela veio aqui pro Rio pra morar aqui. Eu falei: "Putá merda! Vamo bora." Pô, eu gostava dela pra caramba! Aí, fomos morar juntos.

DN - Aqui no Rio?

RE - Aqui no Rio.

DN - Por que foi na mesma época que você tava vindo?

RE - Foi, justamente. Quando eu estava lá eu já tava namorando ela. Então, mas, eu sempre ia lá. Cada viagem que eu fazia eu tinha uma média de... uma semana de licença, mais ou menos. Então, nessa semana eu... (*barulho com as mãos*) como diz eu picava a pula. (*barulho com as mãos*)

DN - Hum.

RE - Aí, quando eu soube que ela tava grávida. Eu falei: "Ih! Ó pepinão aí. É! Vamo encarar."

AP - Você veio pro Rio por que você quis?

RE - Foi porque eu quis. Aí, fui... fomos morar em Bento Ribeiro. Cheguei em Bento Ribeiro, fomos morar lá em Bento Ribeiro (*barulho com as mãos*) Aí, começou, não começou a dar certo, porque eu viajava pra caramba. Aí, reclamava: "Ah, não sei quê. Eu fico sozinha, não sei o quê... Ah, meu Deus do céu!" (*barulho com as mãos*) Aí, foi indo, foi indo que não deu mais. Aí, eu falei assim: "Ó, já que você tá sofrendo, então, eu vou comprar a passagem de ônibus e você vai voltar."

AP - Como é que foi o filho?

RE - O filho. Ah, o meu filho é ótimo! Falei com ele... eu não falei com ele ontem, porque eu tava jogando bola, aí, ele ligou... ligou tava falando com a Valéria. Aí, eu cheguei, eu já tava no carro pra ir jogar bola com os colegas, aí, eu ia falar pra Valéria não sei o que... ah, que eu ia demorar. Tanto é que eu cheguei duas horas da manhã em casa. Que eu ia demorar. Aí, a Valéria: “Ó! Tiago.” Ah, eu falei: “Fala pra ele ligar amanhã pra mim.” Aí, ela: “Tá.” Aí, eu não sei o que eles conversaram. Mas, ele é lindo, maravilhoso. Se Deus quiser vai vir morar com a gente agora no final do ano. E ele tá louquinho, já era pra ele ter vindo esse ano. Mas, Valéria se operou de coluna aí não pôde, que eu que tô cuidando dela e cuidar mais de um adolescente é fogo, né? Então, tem que... dá um tempinho. Ela melhorando ele vem. Eu...

AP - Ele nasceu aqui, o Tiago?

RE - Não, nasceu lá, nasceu lá e veio.

AP - Ah! Aí, vocês foram morar juntos já com o neném?

RE - Exato.

DN - E a família dela não, não...

RE - Ó, no começo a família dela relutou, falou, xingou, não sei que e tal. Aí, ela tinha que ter o neném lá, né? Aí, ela foi ter o neném lá. ... Aí... Inclusive o parto dela foi muito complicado, que foi uma cesariana, que demorou muito.

AP - Vocês eram novinhos, né? Ela era da tua idade também? Por que você tinha uns 18?

RE - Ela é um ano mais nova que eu. Eu tô, vou fazer 32, ela... não. Eu tenho 32, ela vai fazer 30. Justamente, ela é dois anos mais nova. É.

AP - Por que você foi pai com 18, não é isso?

RE - É. Eu fui pai com dezoito. Ela é dois anos mais nova do que eu.

O pai relutou, falou, xingou, que não queria mais ver, que não sei o que. Mas, apesar de que ela foi, mas ficou na casa da minha mãe. Ele falou, xingou e, aí, ela ficou na casa da minha mãe. Aí, como não deu certo aqui comigo, ela voltou pra lá. Quando ela voltou pra lá, o...

DN - Ela ficou quanto tempo aqui? Vocês ficaram quanto tempo juntos?

RE - Aqui ela ficou uns... nove meses. Não, ela ficou aqui como grávida, ela chegou aqui tinha uns três meses e foi pra ter o bebê lá, ela saiu daqui com oito meses... É. Aí, depois ela teve o bebê, depois logo em seguida ela voltou... quando ele tinha uns dois meses, ela voltou. E ficou, aí, comigo tinha uns dez meses, mais ou menos. É, por aí. Ela voltou. Aí, o pai dela relutou pra caramba, xingou, falou.

Aí, depois quando ela foi de volta, ela foi morar com a irmã dela e já tava

procurando um emprego, né? Quando o pai dela viu o Tiago, o velho babou pelo neto. E olha que já tinha muitos, né? Babou pelo neto, que o meu neto, que meu negão, que não sei quê, que não sei o quê. Ah, tinha que ver. Aí, como ele tava morando... aí, ele falou: “Não. Vem morar aqui em casa, não sei o quê.” Eu confesso a vocês que eu fiquei até com ciúme e muito. Eu ia de férias pra lá... pô, o Tiago, você falar pra uma criança: “Olha, esse é o seu pai.” Ele vai olhar assim e vai falar: “Pô, meu pai. Tá bom, é meu pai. Tá, pai.” Mas, uma criança, oi, pai, não sei quê, te abraçar e te fazer um carinho é totalmente diferente. Aí, eu via que ele pegava o avô abraçava o avô, beijava o avô. E comigo não fazia isso. Então, eu me senti inferiorizado pra caramba. Eu falava assim: “Pô, sacanagem!” Eu ficava puto. Aí, mas, o avô percebia, né? E sacaneava. Porque, não sei quê, não sei quê. Mas, hoje em dia mudou, totalmente. O meu filho me adora, graças a Deus! E eu adoro ele, também, a gente se fala muito, a gente se...

Nós somos parecidos pra caramba, principalmente, a mãe dele que fala, porque somos enjoados, quando a gente não quer uma coisa não adianta, eh... pô, eu sou vaidoso ele também é, extremamente, vaidoso, gosta de dançar, fica dançando. E é muito carinhoso. Ele é muito carinhoso, o meu filho. E eu sinto uma falta dele tremenda. A minha esposa Valéria é que... que fica... ela começa a lembrar dele, começa a rir sozinha. Eu falei: “Ih, tá doida!” Aí, ela: “Não, tô lembrando do Tiago.” Porque quando ele chega, ele, ele, ele não tem que, eu acho que é porque é menino, porque menina chega fazendo aquele carinho delicado, vem te abraça, te beija, te aperta. Ele não. A brincadeira dele é eu parado assim, ele vem correndo assim e bau te joga em cima. Aí, pula, quer brincar de dá soco. Aí, eu já dou uma dura nele pra ele sentir que dói, que machuca, aí, ele salta fora. E com a Valéria ele fica sacaneando ela, que ele segurava os braços dela e ficava assim na bochecha apertando, beijando, apertando. Aí, ela sai Tiago. Até ela pegar um pedaço de pau, aí, ele sai fora.

DN - Quando ele nasceu, você não teve oportunidade de tá lá em Mato Grosso?

RE - Não. Eu estava em Santa Catarina quando ele nasceu, mas quando eu cheguei... quando eu cheguei no quartel, ele tinha uns dois dias de nascido e tava lá um telegrama pra mim avisando, um telefonema pra mim avisando. Na mesma hora fui pro, pro... aeroporto, peguei um avião e fui. Cheguei lá no outro dia. Ele bebezinho, uma coisinha desse tamanho, feio. (*risos*) Eu falo pra ele você era feio. Ele (?) Mas, ele é um barato ele.

DN - E, aí, depois disso, Ronaldo? Você se separou... Ana, né?

RE - Ana.

DN - Da Ana?

AP - E ele era bebezinho ainda?

RE - Era, ele tinha o quê? Uns nove meses, dez meses.

AP - Ah, então você ficou muito pouco com ele aqui, né?

RE - Foi. Foi muito pouco tempo com ele aqui. Aí, aí, eu separei dela, aí, eu fui morar sozinho. Pô, morar sozinho! Não gostava muito não. Porque, quando ela veio pra cá eu morava num apartamento, pra tu vê como era organizado eram oito cabeças dentro do

apartamento, de sala, quarto, cozinha e um banheiro. Então, já viu era uma zona o dia todo no apartamento. (*barulho*) Aí, eu morando sozinho, eu ficava parado assim na...

DN - Por que eram com outras pessoas da, da Marinha que moravam?

RE - Isso. Justamente.

DN - Dividiam o espaço?

RE - E eram justamente as pessoas que eram da minha turma de fuzileiro e era da minha turma do SENAI. Então, como a gente era da faixa etária mais ou menos, todos juntos, então...

DN - E já se conheciam há tempo, né?

RE - E, já! O pessoal já se conhecia, chegamo no quartel, quando chegamo no quartel nós éramos 50... 51. Nós éramos 51 e uns dez, dez só que não eram da turma do SENAI. O restante todo mundo já era. Então, já era... ficava bem mais fácil. Aí, eu fui morar sozinho. E na casa que eu morava, em Bento Ribeiro era uma casa boa, dois quarto, cozinha, área, garagem. Pô, eu falei: "O que que eu vou ficar fazendo com esse casarão todo?" Eu passava mais tempo fora, quando eu chegava assim teia de aranha assim, cheio de aranha, aquelas...

DN - De poeira? (*risos*)

RE - De poeira. Brincadeira! E agora o que eu faço? Eu falei quer saber de uma coisa vou mudar daqui. Aí, eu tinha meus amigos lá, aí, eu falei: "Pô, vou mudar." E eu sempre tava na Ilha, que era perto do quartel, então, os caras, sexta-feira: "Pô, vamo lá fazer um churrasquinho." Eu, pô, ir lá pra casa? Aí, eu ia pra casa deles, né? Ficava sexta, sábado e domingo. Aí, era só voltar pro uartel. E, aí, eu falei assim: "Pô, e agora o que que eu faço? Ah, vou arrumar um apartamento." Aí, tinha uns colegas meus que a gente jogava bola juntos. Aí, falou assim, já morava um... era um, dois, três, quatro, cinco, moravam cinco. Mas, o apartamento era de três quartos, o apartamento era muito bom, no Tijolinho lá na Ilha do Governador. O apartamento ótimo. Aí, os caras: "Pô!" Aí, o cara virou pra mim: "Pô, tu não sai daqui, né, rapaz?" Eu falei: "É." Ele falou: "Ó! Vamo fazer o seguinte: a partir do mês seguinte tu vai dividir o aluguel também." Aí, eu falei: "Tá." Aí, pior que me botaram pra dividir o aluguel e eu nem. Aí, fui. Assim que eu fui. Eu não fui morando...

DN - Aí, ficou de vez. (*risos*)

RE - Aí, fiquei de vez. Eu só fui peguei minhas coisas. Aí, eu falei: "Quer saber de uma coisa?" Aí, vendi fogão, acabei com tudo. Só fiquei com o som, com televisão, com algumas coisas muito pessoais. Com a minha cama eu fiquei. Mas, fora disso o restante tudo foi embora. Aí, dali eu fui para... não, eu mudei dali que deu uma confusão, não é que deu uma confusão, cada cara do prédio, era de três andares, cada um arrumou uma garota, menos eu, né? Eu não arrumei ninguém, não. Aí, os pais das garotas tava meio chateado, porque no apartamento todo final de semana era festa sexta, sábado e domingo, que não sei o que, não sei o quê. Aí, reuniram o prédio, não sei o quê. Aí, correu um boato lá que iam rolar um abaixo assinado pra expulsar a gente, né? Mas, os

caras vamo sacanear antes de expulsar vamo mudar? Eu falei: “Putá merda! Pra onde?” “Ah! Vamo alugar uma casa, isso não tem problema.” Aí, alugamo uma casa.

DN - Na Ilha mesmo?

RE - É. Aí, todo mundo na moita. Todo mundo *psiu*. Aí, falamo lá na imobiliária, fechamo contrato e tal. Aí, fomos na outra imobiliária vamo pegar apartamento de (?) Não, por que, não sei o quê? Fica, fica. Não, não tem condições não. Aí, quando o pessoal menos esperava encostou o carro de mudança lá e (*risos*) desce. Foi ótimo aprontaram muito lá, na Ilha do Governador. Aí, de lá nós mudamos pra uma casa boa, inclusive, era na entrada de uma vila. A casa, era uma casa boa com grade e janela, muito boa a casa e ao lado tinha um corredor onde no fundo tinha... umas quatro ou cinco *kitnetes* e essas *kitnetes*, algumas eram de navais também, que os caras moravam. Ou então era o pessoal da, da... da Petrobrás, que ali tem muita coisa de Petrobrás, então os caras moravam ali também. Aí, então, é que aumentou a família, né? Todo mundo já se conhecia. Todo mundo... lá melhorou bem mais a... o relacionamento da gente.

Aí, morei nessa casa... foi até... morei um bom tempo, morei uns... quatro anos nessa casa ou mais. É uns quatro anos nessa casa. Só mudei...

DN - E, aí, faziam muito churrasco e festa?

RE - Ah! Festa rolava direto. Mas, também, olha só... eu mudei dessa casa porque: um foi casando aí, saiu. Aí, o outro casou saiu. Aí, a gente não tinha mais ninguém. Porque é difícil você arrumar uma pessoa pra morar junto. Aí, um foi saindo. No final sobrou eu sozinho na casa de novo. Eu sozinho, novamente, na casa. O último que casou foi o França, o Careca...

DN - E por que você não foi casando, também? Acompanhando o movimento dos outros?

RE - Não sei porque. Eu namorava uma menina, ela chamava Hádne, morava... ela morava primeiro no Catete, é no Catete. A gente se conheceu... 80... ah, não lembro. 86, acho que foi 87 que eu a conheci. A gente namorou muito, a gente até ensaiou morar juntos, mas não deu.

Uma outra menina também que, que essa eu perdi de bobeira, era gamadão mesmo, sofria que nem um condenado! Eu conheci a menina eu tava preste de mudar de Bento Ribeiro. Ela chamava Alice, descendente de portugueses, os pais delas eram portugueses, donos de restaurantes. E ela trabalhava na... Associação de Médicos, na rua Laura Alvim, se não me engano. É lá, né? Não sei onde é, não. Aí, nós começamos a namorar. Aí, ela falava que tinha eu e um amigo, que a gente só andava junto, inclusive, quem apresentou pra... pra ela fui eu. Foi ele que me apresentou. A gente trabalhando, trabalhava junto. Ele morava em... Nilópolis, mora até hoje. Ele chegou pra mim e falou assim: “Pô, cara tem que ver a lourinha todo dia anda batendo papo comigo, que não sei quê, não sei quê. Eu falei assim: “Qual que é? Quem é que vai olhar pra você?” A gente chamava ele de Cratera. “Cratera, quem é que vai olhar pra você, rapaz? Tu é feio pra caramba?” Ele: “Ih! Tu vai ver! Vai hoje lá, vai hoje lá, vamo de trem.” “Que eu vou andar de trem, rapaz!” “Não. Vamo, vamo, não sei quê...” Aí, eu fui. Aí, vi aquela coisa lourinha, pequenininha, cabelo comprido, cara de bebê, né? Aí, eu olhei pra ela e falei assim: “Essa menina é muito metida.” Aí, comecei a malhar, né? Aí, ela: “Ah, que não sei quê... na minha casa tem piscina.” Eu falei: “Que piscina! Jacarepaguá deve ser vala,



porque dia que chove, enche tudo.” Aí, ela puta, né? Aí, a gente foi tomando uma antipatia um pelo outro assim. Eu falei assim: - ih, essa menina é muito garganta, fica falando sempre: “Ah, não sei quê, não sei quê, o meu carro.” Eu falei: “Que carro, menina?” Aí, eu ficava puto, né? Eu falei: “Pô, essa menina tá pensando que é o que? Fica andando de trem e fica falando que tem coisa, tem coisa, tem coisa.” Aí, ela: “Então, tá!”

Um belo dia, tô lá no trabalho o telefone toca. Aí atendi: “Oi, Espíndola, tudo bem?” Eu falei: “Tudo bem. Quem é?” “Ah, sou eu Alice.” Aí, eu falei: “Oi, tudo bem? E aí?” “Ah, tô aqui na cidade, vamo almoçar?” Eu falei: “Vamo.” Aí, eu falei: “Que hora?” “Tal, assim, assim.” Desci.

DN - Aí, você já não tava mais na Ilha? Tava na Praça Mauá, é isso?

RE - Na Praça Mauá. Fiquei dois anos lá. Aí, ela me pegou vamo ali. Ah, entrou no restaurante: “Oi, pai.” Ele: “Quem é esse aí?” Um portuguêsão, bigodão assim, um barrigão desse tamanho. Ela falou assim: “É meu pai.” Eu falei: “Muito prazer, tudo bem?” Aí, ela já tinha falado que o pai dela tinha um restaurante, né? Aí, a gente foi se conhecendo, conversando, batendo papo. Aí, começamo a namorar.

Aí, eu nunca tinha ido na casa dela, né? Só tinha o telefone de lá. Eu ligava pra lá. Aí, ela foi pra... Petrópolis ou Teresópolis, sei lá. Foi pra uma serra dessa aí, que o primo, eu nem sabia que ela tinha ido, que o primo dela teve um acidente de carro e faleceu. Aí, eu liguei pra lá e a mãe dela falou: - oh, a Alice... viajou foi pra tal lugar assim, assim, que o primo dela morreu. Mas, ela volta hoje ainda. Eu falei: “Pô, ela deve tá malzona!” E ela já tinha me falado desse primo já um tempão. Inclusive, tava fazendo Seminário em Teresópolis, tava no Seminário. Eu falei: “Pô, que tristeza!” Ela falou: “Aí, inclusive, ela chorou pra caramba. Eu não queria deixar ela ir, mas ela acabou indo.” Eu falei: “Então, tá. Então, que hora que ela chega?” Ela falou: “Eu não sei, ela vai me ligar de lá.” Eu falei: “Quando ela... a senhora me liga que eu vou esperá-la, que eu vou aí.” Ela: “Então tá! O endereço é tal e tal, é assim que se chega aqui.” Eu falei: “Então tá.” ...

## **Fita 2 – Lado A**

DN - Vai, vai, aí você pegou o ônibus...

RE - Aí, eu peguei o ônibus que ela falou, que ela falou que era pau dos, do não sei que lá, aí peguei, ali, em Madureira... inclusive, demorou pra caramba. Aí, fui. Chegando lá... aquele muro imenso, tipo assim, muro de dois metros, a garagem e eu na campainha: “Pem!!” Aí, eu falei: “Putá, será que é aqui?” Aí, sai... uma menina lá, que trabalhava na casa dela. A menina falou assim: “Pois não?” Eu falei: “Dona Rosa.” “Ah, entra.” Aí, fui lá ver a mãe dela. A mãe dela uma portuguesa, muito bonita por sinal, nova, aí, ela: “Você que é o Ronaldo?” Eu falei: “Sou.” “Ah, tudo bem? Senta, não sei o que...” Aí, eu falei, assim, eu tava louco pra perguntar: “Vem cá, aqui tem piscina?” (risos) Aí, eu fiquei na minha, né?

DN - Tudo que ela falou é verdade?

RE - É. Aí, eu fiquei na minha, né? Eu falei: “Pô, será se essa menina tá mentindo pra mim?” Eu fiquei na minha, né? “Ah, não sei que, não sei que, não sei que.” Aí, a mãe dela falou: “Não, eu tô fazendo uns negócios aqui, vem aqui pra área.” Porque atrás da

casa dela tinha uma varanda muito ampla e a mãe dela tava fazendo, tava tecendo, né? Fazendo, eh... rede. Aí, eu cheguei atrás da casa dela, poxa, eu vi aquela piscina maravilhosa. Eu falei: “Putá merda!” Aí, inclusive... a Alice quando chegou... ela tava muito triste, mesmo.

Inclusive, eu tinha um apelido que era o rei do... como é que é? ... Eh... o meu apelido era Paciência, todo mundo chegava e falava assim: “Fala, Paciência.” Eu: “Beleza!” Por quê? Aonde eu me encontrava com a Alice, ela marcava um horário, ela chegasse e falava assim: “Ó! Te espero quatro e meia.” Eu podia chegar cinco e meia que ela não estava lá, ainda, só chegava tipo uma hora, uma hora e vinte atrasada. Eu ficava puto pra caramba, mas eu tinha que esperar, eu sabia que ela era assim mesmo. Aí, eu... eu perdi aquele grande amor por uma bobeira, bobeira pra caramba. Porque...

DN - Ela ficou feliz de ver você lá?

RE - Ficou. E tanto é pela, pela, pela rigidez que eu fui, não rigidez que eu fui... da fisionomia, mas uma coisa que eu achei... não sei se foi muito estranho ou eu não era muito habituado com aquilo, não sei. Que ela me pegou pela mão, chorou pra caramba e falou assim: “Pô, vamo pro meu quarto.” Aí, a gente foi pro quarto dela e a mãe dela não falou nada. Aí, eu fiquei, assim, meio constrangido. Eu é que fiquei, eu fiquei assim: “Pô!” Aí, ela foi lá no quarto, foi chorou, a gente conversou e tal. Aí, eu fiquei... eu acho que é falta de hábito, porque, eu nunca tinha passado por aquilo. Mas, eu terminei com a Alice foi por um problema muito bobo. Lembro até hoje. Foi no Natal, eu estava em casa, em Bento Ribeiro, e minha... com a janela aberta, olha que vacilo, com a janela aberta...

AP - Deixa eu só situar uma coisa. Bento Ribeiro foi logo depois que você se separou da mãe do seu filho...

RE - Ham, ham.

AP - ...e antes de você ir pra Ilha? Isso né?

RE - Isso, justamente. Aí, eu estava em Bento Ribeiro, na minha cama, com uma amiga minha. Eu tava, eu tava escrevendo cartão de Natal deitado, aí, ela chegou, eu esqueci o nome da menina, porque rolou uma paquera entre a gente, mas era só uma paquera não tinha rolado nada. Aí, eu tô escrevendo cartão de Natal, a menina chega: “Oi, tudo bem?” Veio atrás de uma outra amiga minha, da Sandra, que morava, morava quase em frente. Eu: “Ah, não sei que...” A menina sentou na cama e pa, pa, pa, e papo vem papo vai, papo vai, papo vem, aí, como já tinha rolado alguma coisa fica um clima assim, né? Aí, eu falei: “Putá merda!” Aí, eu escrevendo os cartões de Natal. E eu sabia que a Alice ia lá pra casa. Só que eu não sabia o horário, porque a Alice é muito imprevisível, às vezes, ela falava de chegar oito horas da manhã, ela chegava às sete. Ou, também, chegava às onze. Aí, cheguei, falei assim: “Putá merda!” E agora? Aí, a menina veio beijinho, eu falei: “Ih, meu Deus do Céu.” Só encostei a janela assim, pum. Aí, a gente teve uma relação ali, aí, depois, aí, a menina foi ficou no meu lado, ainda, eu deitado de bruço na cama ela do meu lado a gente de frente pra janela assim. Ela com a mão no meu ombro e com as pernas assim nas minhas costa. E eu escrevendo os cartões de Natal. Então, distraidamente, quando eu levanto os olhos assim...

DN - Desnudos? Vocês tavam nessa posição desnudos?

RE - Não, eu tava só de calção e ela tava de roupa. Ela tava de roupa.

DN - Toda vestida?

RE - Toda vestida, de saia. Aí, quando eu levanto os olhos, assim, quem tá me olhando, assim, com aqueles olhos lindos? A Alice. Eu falei: “Putá!” Aí, eu fiquei mudo, fiquei calado. Eu falei: “Pô, se eu falar alguma coisa me condena, né?” Aí, eu fiquei calado. A menina sabia que a Alice era minha namorada, né? pegou: “Ah, não sei o que...”, (*som de estalar de dedos*) e tirou o time. Aí, Alice entrou, eu continuei escrevendo. Aí, ela ficou parada, assim, a lágrima descendo. Aí, ela virou pra mim e falou assim: “Poxa! É uma grande decepção na minha vida. Você sabia que eu não posso perder a confiança em ninguém, você me traiu.” Eu fiquei calado, ia falar o que? Não tinha nada o que falar. Aí, eu fiquei mudo. Aí, ela: “Tchau.” Eu falei: “Porra, o que que você tinha que vim fazer aqui em casa?” Ela falou: “Sabe o que que eu vim fazer aqui?” Ela abriu a bolsa, assim, e tirou o presente que era o presente de Natal antecipado, que ela queria que eu usasse, que era uma camisa muito linda. Aí, ela pegou e jogou, assim, aí eu fiz, assim, e a camisa passou. Aí, ela saiu. Aí, a gente ficou sem se falar uns quatro meses. Eu ligando pra ela, ela não, não, não. Aí, a gente se tornou muito amigos. Ela, hoje em dia, ela é casada, ela tem uma filhinha. ... Mas, a Alice era tudo.

DN - Mas não reataram mais?

RE - Não. Tornamos amigos. Aí, ela ... até... quando eu soube que eu tinha HIV, eu falei pra ela, ela chorou muito. Ela chorou muito, ficou passada. Aí, inclusive, ela falou uma frase: “Eu acho que se a gente tivesse casado, eu acho que tinha tido um outro rumo. O destino teria mudado.” Eu falei: “Eu não sei, talvez.” Apesar que eu não cons... eu não acredito em destino. O destino é a gente que faz. A gente manipula o destino. Aí... perdi. Perdemos o contato, também. Eu não sei mais o telefone dela. Nem sei por onde anda.

AP - Você namorou ela quanto tempo?

RE - Namoramos durante mais ou menos uns seis meses, mas foi muito voraz... eu não queria perdê-la.

DN - Agora, Ronaldo, já que você começou a falar das suas namoradas, eh... conta pra gente um pouquinho da sua, do início da sua vida sexual. Como é que foi? Você era menino? Essa casa cheia (*gargalhadas*) essa casa tão povoada, né? A gente sabe que os meninos e as meninas, também, é óbvio, numa certa idade começa no processo de masturbação...

RE - Exato.

DN - ...e, aí, precisa de um lugar mais privado pra fazer isso.

RE - Acho que... no interior é o seguinte: ou é... ou é você ficar naquela felação com prima ou, então, ficar correndo atrás de animais. Mas, eu era mais com primas, porque sempre tive *muitas* primas. Na verdade, umas... homens são poucos, têm mais mulheres. Deve ter o que? Umas... umas quinze, umas quinze primas com metade disso de... é

metade disso era de primos. Então, era isso. E a brincadeira corria solta dentro de casa, né? Mas de olho na mamãe. E foi isso. E, também, quase não tinha muito tempo, porque a gente brincava muito, a gente era... pra passar o tempo, a brincadeira de garoto ou era jogar bola, ou soltar pipa ou brincar de, de, aqui é estilingue, lá é funda. Então, brincar de estilingue. E, também, naquela época, como era muita gente, lá, nossa casa, minha avó ficava de olho geral. Minha avó sempre cuidou muito. Eu lembro que até a nossa, nossa adolescência ia uma menina lá chamar a gente, tipo, bater no portão e falar assim: “Ah, o Ronaldo está?” Ou então o Aparecido, o Edu ou o Zé tá? Minha avó só faltava sair atrás com um pedaço de pau, atrás da menina. Eu ainda falei, eu sempre brinco, eu falei: “Pô...” inclusive, eu falo pra minha mãe. Minha mãe foi com meu irmão caçula. Eh... eu falei assim, eu falo assim: “Pô, a gente não foi veado, porque a gente não tinha, não tinha, não tinha nada a ver. Porque se fosse por vocês, heim?” Meu, meu irmão caçula com, ele tinha o que? Dezesesseis anos, é, tava namorando uma menina de vinte e dois anos, pra que que minha mãe soube? Ah, quando ela foi lá em casa, minha mãe falou: “Quantos anos você tem?” “Tanto.” “Você trabalha?” Ela: “Trabalho.” “Por que que você não vai procurar um da tua idade? Fica com o meu filho, com o meu neném, não sei o que...” Tipo assim. Ah, meu irmão morreu de vergonha. Minha mãe era assim e minha avó sempre foi assim. Minha mãe falava assim... como é que é? É: “Prende suas cabras que os meus bodes tão solto.” Tipo assim. Porque, ela ficava menina ela atendendo o portão lá de casa era terrível, era sentença de morte.

DN - É, mas de repente, também, não deixava os bodes tão soltos assim, né?

RE - É, ela vigiava. Pô, era terrível!

DN - Porque, (*risos*) tomavam conta.

RE - Ela falava assim: “Quem fazer seus filhos, ó, sai fora. Leva, não quero ninguém aqui.” Hoje em dia não, baba pelos netos. Fica em casa pensando acho que no neto.  
Que mais?

DN - Sim e aí? Aí, quer dizer, quando você tava garoto ainda, né? Lá em Mato Grosso, em Corumbá, a, a atividade sexual, entre aspas, né? Em suma, adequada a idade de vocês era com as primas?

RE - Não, com namorada no colégio. Eu lembro que, na época, por exemplo, com 13, 14 anos que eu entrei pro SENAI, a gente se organizava em grupos, tipo assim, fazia piquenique. Matava aula pra caramba! Onde cada um levava, por exemplo, um refrigerante ou, então, as meninas falavam assim: “Vai ter festa no colégio, vamo faz...” - e levavam um bolo. E no SENAI, no primeiro ano que eu estudei era só homens, era só homens, duzentos e tal, ali. De oito da manhã, não de sete da manhã até oito, não, sete da noite. Doze horas ali, dentro. Desculpa. Aí, a gente organizava piquenique com... eu lembro até hoje o nome do Colégio Castro Brasil. A gente começou, jogava bola lá com a rapaziada lá. As meninas: “Pô, não sei que.” A gente usava o macacão do SENAI, que todo mundo achava bonito, então, aquilo era um espetáculo. Você passeava e você tinha que andar uniformizado. Então, você andava com aquele, com aquele macacão azul, as meninas vinham em cima. Aí, nós fomos, nós fazia muito piquenique. Eu falava: “Ah, vamos fazer piquenique!” Então, as meninas do colégio juntava, assim, umas 10, 12 e a gente já tinha nosso grupinho, né? Tal hora assim, assim. Então, a gente assistia o primeiro tempo de aula, parte da manhã, quando era tarde a gente ó! (*estalar*

*de dedos*) Linha na pipa, vamo passear! Ia fazer piquenique, tomar banho de cachoeira, ia tomar banho de rio. Aí, rolava algumas coisas com as meninas.

Eu lembro uma vez que eu saí com uma menina, ela, todo mundo tomando banho de piscina, de piscina não, de rio, aí, ela chegou pra mim, assim. Eu falei: “Pô, vamo tomar banho de rio.” Ela: “Não, não dá, não dá, não dá.” “Putá merda! Essa menina é fogo.” E ela sentada, parada, estática. Eu falei: “Pô, levanta, vamo passear.” E ela: “Não, não posso, não sei que...” Parada. Aí, depois eu falei: “Putá!” Me enchi o saco, eu falei: “Vai tomar banho.” Fiquei passeando por ali. Aí, depois ela cochichando com as irmãs, ela tinha ficado, ela falou com as primas dela, ela tinha ficado menstruada e não tinha absorvente. Ela tava toda suja. Então, ela tava apavorada, morrendo de vergonha e não sabia o que fazer. E era por isso que ela tava ali parada e eu insistindo, vamo, vamo passear. E ela: “Não, não.” Aí, eu falei assim: “Pô, e agora?” E a vergonha que a menina sentiu. Agora, atualmente, eu penso isso, mas pra mim, pra mim essa, essa fase nessa época é a época da vergonha. Por quê? Eu acho que quando ela ficou menstruada, eu acho que ela sentiu vergonha, eu acho que toda mulher sente, não sei. Mas, pra mim eu acho normal isso. É sinal de que ela está funcionando bem. Agora, eu acho que pra mulher é vergonha, não sei. Eu fiquei meio preocupado com isso, na época.

DN - Na adolescência (*risos*) deve ter sido, né?

AP - Com certeza, né?

DN - Como dizer uma coisa dessas, né?

RE - Exatamente.

AP - Mas, no grupo chegava a rolar o contato sexual mesmo?

RE - Rolava. Rolava muito. Lembro, inclusive, quando a gente foi pro CERA... e essa história pra, pra... é interessante. Quando eu fui pro CERA, ah... o pessoal do colégio organizou um pessoal pra ir, pra conhecer, né? Quem quisesse ir pro CERA, tal. Então, foi uma garotada boa. Eu lembro que tinha um professor que nós botamo um apelido nele de escroto, porque ele é professor de Ciências e grandão, né? E tinha uma professora, Elizabete, que era professora de Português, eu acho, gente boíssima, Elô o nome dela, boíssima, gente boa pra caramba e tal. (*pigarro*) Então, ele começou a azarar ela, né? Pô, não sei e tal. Nós fomos de trem, inclusive. Aí, a gente começou a sacanear ela, né? Eu falei assim: “É né? Helô vai pegar um negão, né?” E ele era grandão, né? Aí, ela: “Hum!” Aí, eu apelidei ele de escroto, porque ela só ficava só assim, enchendo o saco, ele ficava enchendo o saco dela. “Esse cara só vem encher o meu saco.” “Ih, ele é um escroto!” Aí, começou: “Escroto, escroto.”

Aí, no CERA, o CERA é uma fazenda. Então, chegamo na fazenda, fomo conhecer a fazenda e tal e tal. Aí, não podia entrar bebida de forma alguma, o diretor era muito rígido. Aí, o que que nós fizemos, compramos bebidas botamos assim vinho, aqui tem a FANTA UVA™, né, lá era, era BIDU™, um refrigerante, inclusive, era o apelido do meu irmão, era um refrigerante de uva. Mas, fizemos tanta coisa, levamo eh... vinho, eh... COCA-COLA™ com, naquela época tomava muito com... tipo cuba com cachaça...

DN - Com rum.

RE - É com rum, mas foi cachaça mesmo.

DN - (*risos*)

RE - Fizemos maior festa no colégio de noite. E o cara, o professor, né? Ficou alojamento masculino e feminino, e, lá, tinha toda infra-estrutura de uma pequena cidade. Tinha uma danceteria dentro da, da, do colégio. Tinha uma pequena sala onde fazia, passava fita. Aí, nós fizemos a festinha lá, porque o pessoal na época, quem estava no colégio era mais pessoas que ficaram de recuperação, porque já tinha terminado o ano letivo e quem passou direto já tinha ido embora. Inclusive, tinha poucas meninas do colégio lá, porque era... é tinha poucas meninas, tinha mais rapazes. Aí, no almoço eles falaram que eles tavam comendo bem porque a gente tava lá visitando e tal, que a comida não era boa, todo dia. Aí, à noite rolou a festa que nós fizemos. A festa rolou, rolou, rolou... Aí, pô, vamo, vamo pro alojamento. E a professora era gente boa, ela foi e tomou um (*pigarro*) tomou um goró lá. Aí, as meninas ficaram meia soltas, no caso. Aí, nós falamos assim: “Pô, já que não pode fazer bagunça, aqui, no colégio, no alojamento, vamo sair.” Aí, tinha um campo de futebol. Aí, nós fomo lá do outro lado do campo de futebol. Aí, ficamo lá com gravador, fazendo tipo um lual. E, aí, eu conhecia já uma menina do colégio, chamava-se, acho que, Maria Inês, o nome dela...

DN - Maria Inês?

RE - É. Aí, ela chegou pra gente, eu peguei na mão dela e falei: “Vamo passear, vamo olhar as estrelas.” Ela: “Tá, eu tô sabendo.” Aí, fomo, aí, tinha lá muita plantação, tipo assim, de experiência de, de várias culturas, né? Aí, eu falei: “Ah, vamo passear.” Insisti, insisti, insisti. Ela acabou cedendo. Aí, a gente foi passear. Aí, teve uma... ela chegou pra mim e falou assim: “Olha...” Aí, começou a rolar uns beijos, um amasso e tal. Aí, a coisa começou a ficar meia quente. Aí, ela chegou pra mim e falou assim: “Olha, eu sou virgem.” Mas, não falou pra mim que não era pra mim transar com ela. Aí, ela falou assim: “Eu sou virgem.” Aí... me deu uma coisa, eu falei assim: “Pô, eu acho que...” Aí, me bateu a responsabilidade. Eu falei assim: “Pô, já pensou? Essa menina fica grávida?” ... Olha a responsabilidade. Eu estudando, sem ter um centavo no bolso. Aí, só rolou uns beijos mesmo. Aí, eu senti que por ela, se tivesse a vontade dela tinha rolado, mas comigo... eu falei: “Não, deixa pra lá.”

Foi a primeira vez que, que eu, que eu usei a minha consciência. E a segunda vez que eu usei a consciência, foi quando eu soube que eu era soropositivo, que no primeiro carnaval eu conheci uma paulista lá na Ilha, maravilhosa. Ela, eh... ela era dona de um salão, lá, de São Paulo. Conheci através de um amigo. Aí, a gente começou a conversa, a conversar, trocar uns beijinhos, aí, quando a coisa ficou quente assim, ela: “Vamo transar, vamo transar.” Eu não... naquela época eu... eu não convivia com o PELA VIDDA, eu usava pouca, poucas vezes que eu transava eu usava preservativo. Aí, eu cheguei pra ela e falei assim: “Ó, não tenho preservativo em casa.” Ela falou: “Não, vamo assim mesmo.” Aí, eu: “Não.” Foi a segunda vez que eu usei a minha consciência legal. Eu falei: “Não.” E nem conhecia o PELA VIDDA. Eu falei: “Não, não quero.” Aí, ela: “Não. Vamos, vamos, vamos...” Eu falei: “Não. Vamo descer.” - que a gente tava em casa, já morando na Ilha, nessa casa. E tinha um pé de jabuticaba imenso, bem assim na minha varanda assim, saí, pegava jabuticaba assim, aí, tem o murinho, a garagem... pô, ela sentada no murinho, assim. Eu falei: “Putá merda!” Era um abraço, mas não vai.

DN - A consciência falou mais alto?

RE - Falou, com certeza.

AP - E quais foram as vezes que você não usou a consciência afinal?

RE - As vezes que eu não usei consciência? Eu acho que antes de, de, deu saber da minha contaminação, eu acho que foram poucas. Porque, antes deu saber que eu era soropositivo, eu não usava preservativo. As vezes que eu usei foram muito poucas. E vim usar, fazer parte do meu cardápio, digamos assim...

DN - E quando usava ...

RE - Era esporadicamente.

DN - ...era pra evitar... esporadicamente, e pra evitar uma gravidez.

RE - Exatamente.

DN - Uma possível gravidez.

RE - Não era um, não fazia parte do, do, do rol de minha, da minha cabeceira de cama. Hoje em dia, se chegar em casa tem quase um quilo de camisinha, um pacote, entendeu? Mas, antes deu saber que era soropositivo não... não usava preservativo de forma alguma.

DN - Agora, Ronaldo, conta pra gente, então. Você disse que soube, eh... que era soropositivo pelo exame, eh... compulsório que a Marinha faz.

RE - É.

DN - É isso, todo ano ela faz um *check-up*?

RE - Não, é em três em três anos.

DN - De três em três anos?

RE - É, porque de três em três anos, você tem que fazer um *check-up* geral, que chama-se... o triênio, que você faz um exame geral, pra saber o seu estado de saúde, como é que você está pra cursos... Porque, se você for chamado pra fazer um curso aquele exame já serve pra... apesar que: ele é feito em três em três anos, mas se você for chamado pra fazer o curso no primeiro ano do exame, ele vale. Agora, se passou pro segundo ano já não vale mais. Você tem que refazer.

DN - Fazer de novo?

RE - Fazer de novo.

DN - Hum, hum.

RE - Ele só vale pro primeiro ano.

DN - Isso foi, em que ano esse exame?

RE - Esse exame que eu fiz foi em 90... eu acho que foi de 90 pra 91.

DN - Tinha ocorrido a você (*tosses*) antes alguma possibilidade de você ter se contaminado, não?

RE - Não. Nenhuma. Porque eu era... eu era não. Ainda sou, eu gosto, assim, de amizades, de reunir pessoas, eu gosto sempre de tá, minha casa, graças a Deus, sempre está cheia de gente. Então, eu... e sempre tive um grupo muito fechado... muito fechado não. Eu sou, eu sou muito seletivo. Eu acho que pra uma pessoa ir na minha casa, pô, eu falar assim: “Pô, vai lá em casa almoçar comigo!”, tem que ser, pô, da minha total confiança. Uma pessoa que merece estar no meu convívio. Eu não chamo qualquer pessoa pra ir na minha casa. Aí, então, eh... eu sempre tive muitas amizades, muitas amizades, muito boas. Então, quando a gente, nós viajavamos juntos já, por exemplo, sair daqui do Rio pra ir pra onde? Prá Santa Catarina. “Ah, vamo ficar, tem um lugar assim, assim, assim, assim...” A gente já sabe o que é que vai fazer. A gente já conhece o local, a gente chega, lá, faz isso, isso e isso. Chegar em Santa Catarina, vamo pra onde? Vamo pro... Porto Alegre. Então, a gente chega ia pra rodoviária, pega um ônibus e vamo embora. Agora, eh... eu não tinha consciência de, de como, não tinha consciência mesmo. Tanto é que eu fico pensando, quando eu morei em Bento Ribeiro, eu tive um relacionamento, assim, muito rápido com uma pessoa, irmã de um amigo meu, que ela era casada. Ela... ela disse pra mim com certeza, eu vim saber isso depois, me disseram que ela estava grávida e ela tirou o filho, porque tinha certeza que o filho era meu. E a gente teve poucas relações sexuais, se tivemos três foram muitos, muitas. Aí, depois que ela tirou o filho, eu soube dessa história. Aí, eu fui, liguei, falei com ela, ela falou: “Olha, eu tenho certeza que era seu. Por isso, que eu tirei.” E ela já tem uma menina. Aí, eu falei: “Como você pode ter certeza?” “Eu sei!” Aí, eu falei: “Tá bom. Então, você tem razão.”

DN - Mas que que tem essa gravidez com alguma, em algum momento você ter pensado que você pudesse estar contaminado?

RE - Não.

DN - Não entendi a relação que você fez.

RE - Por exemplo, já pensou, eh... por exemplo, se ela ficasse grávida mesmo, tivesse tido esse filho. Já pensou se eu estava contaminado nessa época? Esse é a minha questão. ...

DN - Em suma, se você estivesse contaminado nessa época você poderia ter contaminado ela.

RE - E a criança.

DN - Quer dizer, o filho só nasceria contaminado, se ela estivesse?



RE - Exatamente.

AP - E ela não estava, também?

RE - Não. Sabe por que? ... E, também, tem um outro fator. Quando eu soube que era soropositivo, essa menina mesmo, a Hádna, eu já namorava ela, já uns... três anos... É. E a gente já mantinha relação sexual, ó! (*estalar de dedos*) Há muito tempo, sem preservativo. Então, quando eu soube, eu já tava mantendo relação com ela já há uns dois anos. E ela fez exame, fez exames e não deu nada. Ela fez um ano inteiro de exames e não deu nada. Não estava contaminada. Então, eu acredito que anterior a ela, também! Tanto é que essa menina soube, ficou apavorada. Eu falei: “Não, pode ficar tranquila. Vá fazer... vá fazer o exame, mas vá tranquila, vá na boa. Não esquenta a cabeça não.” Ela foi, deu negativo. Tá beleza.

DN - Geralmente, eh... as pessoas com quem você se relaciona, até amigos homens, amigas mulheres, eh... são amizades que duram muito tempo. Mesmo quando rola alguma, algum namoro ou alguma coisa, assim, acaba se transformando em amizade e ficam?

RE - Às vezes. por exemplo ou por exemplo...

DN - Ou tem muita gente que se perde no caminho da vida?

RE - É muito contato. Eu acho que se mantesse o contato, eu acho que seria muito mais amigos. Por exemplo, uma pessoa que eu gostaria muito de manter um contato é a Alice. Eu sei onde a irmã dela mora, lá, Jacarepaguá. Mas, eu não sei se eu, ainda acerto ir lá. Mas, é uma pessoa que eu gostaria muito de manter um contato, de ter conhecimento, de ver a filha dela crescer. Que a filha dela deve se puxar a mãe, vai ser uma criatura muito bonita tanto de espírito quanto de pessoa mesmo. E... a Hádna eu, eu fiz questão de perder o contato pelo fato...

DN - A Hádna era essa que achava que, que...

RE - Estava grávida.

DN - Estava grávida de você?

RE - Não, não. A Hádna...

AP - É essa dos três anos.

DN - Ah, tá! A que ficou mais tempo.

RE - Essa eu fiz questão de perder o contato por um fato, porque quando ela soube que, que, que eu... estava contaminado e ela me interpelou... e eu senti nela que ela estava mais, ali, comigo, ainda fazendo os exames, perguntando como é que eu tava e, gradativamente, ela ia se afastando, entendeu? E senti que pelas perguntas que ela fazia pra mim e pelos papos que eu ouvia que ela estava, assim, numa certa forma interessada tipo: “Se ele morrer, será se eu consigo uma pensão?” Tipo assim. Aí, eu falei assim: “Poxa!” Aí, eu fiquei chateado. Aí, eu falei: “Olha...”

DN - Você sentiu isso?

RE - Senti. E... não, ela me falou mesmo. Aí, depois ela, ela sempre exigia tipo assim: “Ah, me dá.” Ela queria tipo uma mesada por mês. Eu falei: “Mesada pra que?” “Não! Você quase me contaminou. Eu mereço, você tem que me dar.” Eu falei: “Eu tenho não. Não existe isso.” Ela falou: “Ah, uma advogada me falou se eu for na Justiça, eu consigo.” Eu falei: “Então, muito bem! Corra atrás. Porque, o processo demora, quanto mais tempo tu entrar, melhor.” Aí, foi esfriando, foi esfriando. Até que na última vez... porque eu acho que ela pensou o seguinte: que, com relação a AIDS, as pessoas pensam assim: “Pô, vai ter AIDS, daqui um ano tá morto. Aí, quem é que vai ficar com o dinheiro?” (*tosses*) A primeira coisa que pensa é isso. Aí, como eu não morri, modéstia parte cada vez mais bonito. (*gargalhadas*)

É. Aí, o que que ela fez? Ela viu que não ia dar em nada. Aí, ela pegou e foi pra... aí, começou a correr atrás. Ficou querendo me seduzir, não sei o que. Eu falei: “Não. Aí, já era.” (*tosses*)

DN - Vocês continuaram tendo relações sexuais mesmo depois...

RE - Depois. Mesmo depois.

DN - ...de saber da soropositividade?

RE - Com preservativo, que eu pegava, eu pegava na, lá na... ali no Hospital Municipal São Francisco de Assis.

DN - Na Praça Onze?

RE - Isso. Mas, aí quando ela percebeu (*tosses*) ela percebeu isso, não ela percebeu isso tem o que? Tem... foi em 95 pra 96, que ela percebeu que não ia conseguir nada. Então, ela tentou resgatar toda a afetividade, que eu tinha por ela. Mas, aí, quando ela quis ocupar o espaço, já tinha outra pessoa no local, no lugar. Não tinha como. Eu tava totalmente perdido.

AP - Então, o relacionamento de vocês durou muito, né? Por que noventa e... (*tosses*)

RE - Durou muito. Aí, a família dela soube, aí, a família dela, também, fazendo pressão com relação a isso, né? Aí, foi uma coisa muito difícil, muito traumatizante, principalmente, pra mim, que eu fiquei magoado pela forma...

AP - Mas vocês moravam juntos? Ou só namoravam?

RE - Nós moramos juntos... mais ou menos, seis, sete meses. Aí, morava num apartamento, aí, vamo morar só nós dois, vamo, só nós dois, pronto. Aí, começou a chegar mãe, irmã, sobrinha, irmão, papagaio, cachorro, gato. Aí, eu falei: “Pô, assim, não dá. Não tem o menor cabimento.” Aí, eu... pô, um apartamento de um quarto só. Aí, eu falei: “Pô, acabou a liberdade. Acabou.” Aí...

DN - De novo não, né?



RE - É. Não...

DN - ...o *check-up*, lá, obrigatório na Marinha.

RE - Eu estava indo pra... um lugar aí, eu acho que a ilha de Itajaí. Eu ia pra lá, aí, tinha que fazer o exame rápido. Porque eu ia fazer um curso em Manaus. Eu ia ficar quatro meses lá. Então, tinha que fazer uma série de exames pra eu chegar lá em plena forma. Aí, eu fui. Fui lá no Marcílio Dias, colhi o meu sangue... aí, viajei. Aí, fiquei quase um mês fora. Aí, quando eu voltei o médico falou assim: “Pô, preciso falar contigo.” Beleza! Ele é meu camarada pra caramba. Eu falei: “Pô, tá bom. Daqui há pouco eu vou lá doutor.” Aí, fui e tal, passei lá. Ele falou assim: “Ó! Deu uma zebra aí. Vai ter que tirar mais sangue, meu camarada. Vai ter que chorar lá na agulha de novo, não sei o que, tal.” Eu falei: “Pô, sacanagem!” Eu fiquei puto. Eu fiquei chateado. Eu falei: “Pô, sacanagem. Ir lá no Marcílio que é contra mão, ir lá no Lins, lá em cima. Aí, pô!” Nem, nem me toquei, né? Aí, peguei já tinha outra viagem marcada. Aí, fui lá colhi meu sangue. Aí, viajei. Aí, tô lá em... não sei onde eu tava não, acho que foi em Vitória. É, Vitória. Eu tava perto de Marataízes, perto de Cachoeira, aquela área lá. Aí, chegando lá... quando tô lá, trabalhando na boa, aí, chega um rádio, pra mim regressar, imediatamente, pro quartel, que não sei o que e tal. Aí, eu falei: “Ih, rapaz! Deu alguma zebra no curso.” Meu pensamento primeiro foi isso: “Ih...” - eu tava afinzão de fazer esse curso, que era um curso muito bom lá na Amazônia, de quatro meses. Eu falei: “Putá merda! E agora? Tô ferrado.” Eu falei: “No mínimo fui cortado do curso e vou ter que fazer uma outra coisa.”

Aí, eu peguei, peguei o ônibus e vim embora. Cheguei no Rio, no outro dia de manhã, fui pro quartel. Cheguei no quartel já tava o maior zum, zum, zum, né? Aquele... “Pô, tudo bem?” “Tudo bem, não sei que...” Eu falei: “Pô, beleza.” E tranqüilo, né? Mas, aí, depois eu vim saber que todo mundo já tava sabendo, vazou assim como água na esponja. Todo mundo já tava sabendo legal. Aí, cheguei no quartel troquei de roupa e falei: “Vou bater uma pelada.” Aí, fui joguei uma bola lá. Aí, voltei e fui falar com o médico. Aí, primeiro eu passei na secretaria e falei: “O que tá havendo? Pô, fui cortado do curso, no mínimo.” Aí, o cara falou assim: “Pô, Ed. se você... eu acho que você foi cortado mesmo...” - que, aí, o meu nome não tava mais na relação. Aí, eu: “Pô, sacanagem.” Aí, fiquei chateado. Eu falei: “Pô, fui cortado.” Aí, eu peguei, eu ia voltar pra companhia continuar lá, né? Não ia nem mais no médico. Aí, quando eu vi o enfermeiro: “Ah, o doutor Vaz quer falar com você.” Aí, eu falei: “Pô.” Aí, fui lá. Aí, fui. Aí, eu tinha, eu tava com isso aqui inchado, né? Porque, tava nascendo o meu ciso e não tava rompendo, era muita, muita massa. E tava todo inchado e eu quase não podia mastigar e tal. Aí, eu falei pro... e ele é dentista. Aí, eu falei assim: “Pô, doutor Vaz. Olha aqui como é que tá.” Aí, abri a boca e mostrei pra ele. Ele falou assim: “Ih, rapaz! Tem que sofrer um pouco, aí.” Aí, ele me botou na cadeira. Aí, ele conversando comigo, né? E eu lá. Aí, ele pegou o bisturi cortou um pedaço assim, aí, foi botou os pontos, tá legal. Aí, falou: “Ó! Isso vai doer um pouquinho.” Aí, me receitou uns antibióticos lá. Aí, ele falou pra mim assim: “Ó! Senta aí, vamo conversar agora.” Aí, eu falei: “O que que foi?” Aí, ele começou a explicar pa, pa, pa, pa. Ele falou: “Ó! O negócio é o seguinte: teu exame de... deu problema, aí, no teu exame. Eu: “Problema no meu exame? Aí, ele falou: “Foi.” “E que problema foi?” Aí, eu já fiquei preocupado, né? Porra, primeiro fui cortado, depois ele me chama lá. Aí, eu falei: “Que problema foi?” Ele falou: “Ó, eh... você vai ter que retornar no Marcílio Dias, você vai ter que fazer o exame de novo, porque o teu exame que media a sorologia do HIV deu

positivo.” Eu falei: “Como é que é? Sorologia do HIV deu positivo?” Pô, aí, na hora ele começou a falar, eu não ouvi mais nada! Eu sentado, assim, na frente dele, aí, faz uma retrospectiva geral, assim, é meu filho, minha mãe, minha casa, a infância, pô tal, meus planos, minha casa. Ele falando, ele falando comigo e eu, assim, oh, e meu pensamento viajando longe, longe, longe. Eu falei: “Putá!” Aí, ele falou, falou, falou e eu parado, estático. Aí, eu cheguei, ele se mancou. Ele falou: “O que você pretende?” Eu falei: “Ó, o que que eu pretendo.” Aí, eu saí da sala, da sala dele, fui andando, andei, tipo assim uns 30 metros, pra eu chegar até a minha companhia onde o meu armário. Fui andando, cheguei abri o armário parado, aí, chegou um, um, um garoto, que trabalhava comigo, né? Chegou pra mim e falou assim: “Qual é, Espíndola, meu camarada? Tá precisando de alguma coisa?” Eu disse: “Não. Tô beleza.” Aí, tirei a roupa devagarzinho, guardei, botei a minha, minha roupa de sair, aí, fui andando, pa, pa, pa. Sem sacanagem, eu não vi, mas me disseram, inclusive, um grande amigo meu, que aonde eu ia passando todo mundo ia me olhando assim. Eu não vi. Eu tava aéreo. Eu passei, eu passei pela, pela portaria não falei com ninguém, assim sério. Aí, fui. Peguei o ônibus, fui pra casa. Aí, tinha a varanda, cheguei em casa peguei a cadeira de praia, peguei uma cerveja abri, botei do lado, botei o pé, assim, pra cima. Aí, fiquei pensando: “E agora?” O mundo desabou. Aí, daqui há pouco começou a chegar carro em casa. Chegou uns...

DN - Carro?

RE - É. Amigos meus do quartel. Aí, já chegaram com carne, violão, cerveja. Aí, falou: “Pô, vambora queimar uma carne aí, não sei que.” Pô aí, aí é que eu fui falar com eles. Eles já sabiam. Aí, eu: “Putá!” Aí, eles: “Calma rapaz, não esquentá, isso acontece. Pô vai ver que, vai lá faz outro exame, vai ver que...”

DN - E como eles souberam? Você soube ou sabe?

RE - É porque eu era uma pessoa dentro do quartel, eu era, pô, muito conhecido, conhecia todo mundo, eu conhecia todo mundo, brincava com todo mundo, jogava bola, sempre a gente tava armando um churrasquinho, uma coisa ou outra. E quando... o resultado chegou, vazou, eu não sei como, não sei se foi via enfermeiros, não sei, só sei que vazou. Aí, cheguei, aí, é que eu fui desabafar. Aí, eu falei: “Putá!” Aí, eu comecei a chorar: “Caralho!” Aí, os caras: “Calma, aí, pô. Vamo conversar.” Porra aí, veio aquela ah! Aí, eles: “Pô, fica legal.” Aí, eu falei: “É. Vamo queimar a carne. Liga a churrasqueira.” Aí, ligou a churrasqueira e toma cerveja. Aí, conversamo. Aí, os caras: “Pô, vamo no hospital, vamo lá fazer essa porra. Vai ver que não vai dá nada, aí, tu vai vê que sofreu legal.” E eu sempre falava uma coisa que, eh, quando tinha algum problema, eu falava assim, um, provavelmente, haveria um problema, eu falei assim: “Ó! É melhor a gente pensar quando o problema existir, enquanto ele não existir, não é problema.” Aí, os pessoal: “Pô, você não falava isso sempre?” Eu falei: “Pô, pior que é.” “Então, pô vai amanhã lá.” Aí, um colega meu, o Pica-pau... outro, outro Pica-pau, não era o meu primo, chegou pra mim e falou assim: “Pô, amanhã eu passo aqui eu te pego de carro, a gente vai lá no Marcílio.” “Então tá. Tu passa aqui?” “Passo sim.” E foi uma coisa muita engraçada que, que eu achei apesar de que o mesmo nível de conhecimento que eu tinha com relação a AIDS na, na época, eles tinham também. Que é absolutamente nada! E eles chegaram com...

DN - Só tinham ouvido falar?

RE - Só tinham ouvido falar. E eles chegaram com seus filhos, as esposas dele. Porque, na minha casa era o seguinte, como a maioria morava em apartamento...

DN - A casa essa da Ilha do Governador?

RE - Isso. Quando tinha alguma coisa lá na casa o que que acontecia, pra eles não fazerem festa em apartamento, eles falavam assim: “Pô, Ronaldo, vou fazer a festa do meu filho lá na tua casa.” “Ah, tá! Beleza.” E a mulher dele chegava de manhã limpava, passava o dia lá. Às vezes, eu tava jogando bola. Os outros passavam: “Ó! Tua mulher tá lá.” “Que mulher, rapaz?” (*risos*) Mas, não era, era mulher de amigo meu. Que era elas que preparavam tudo. Então, elas chegavam em casa, iam entrando, iam lá na panela, se tinha alguma coisa pra fazer, elas faziam. Então, sempre tiveram muita liberdade na minha casa.

Aí, eles chegaram com as crianças, tinha um recém nascido que era o Diego na época. Então, eu senti muito confortado com isso. Primeiro, porque eles não tinham informação nenhuma quase como eu. E eles foram mais, eu acho por solidariedade, mesmo. Que me deixou bastante feliz. Aí, eu chorei pra cacete, tomei cerveja, comi a carne, aquela picanha com gordurinha que eu adoro. Pronto, aí, no outro dia de manhã, eu fui lá fiz o exame. Aí, confirmou que eu era soropositivo. Aí, fui pro Marcílio que... iniciar o tratamento. Aí, eu cheguei no Marcílio Dias eu fiz uma, uma tremenda besteira, que eu cheguei no Marcílio Dias, o médico falou, começou a explicar pra mim, mas ele falou muito superficialmente sobre o que é AIDS. Ele falou assim: “Olha, você vai ter que fazer alguns exames. Aí, depois passar a tomar remédio, que não sei o que, que não sei o que...” Mas, não me falou mais nada. Eu falei: “Tá.” Aí, eu voltei pra casa: “Quer saber de uma coisa? Já que eu vou morrer mesmo...”

DN - Essa era a informação que você tinha da AIDS?

RE - Era a informação que eu tinha. Eu falei: “Quer saber de uma? Eu vou é dar uma volta por aí.” Peguei a minha mochila, botei uma porrada de coisa dentro e saí. Aí, fui pra Rio, Salvador, passei uma semana e pouco em Salvador. Aí, de Salvador...

DN - Por que o médico te deu licença?

RE - Não, porque eu estava em tratamento!

DN - Então, no que você foi no Marcílio Dias já com o resultado do exame...

RE - Exato. Ele mandou eu fazer...

DN - ...ele disse que você teria que fazer o tratamento, não sei o que e já deu a licença?

RE - Não. Ele...

DN - A licença de saúde?

RE - Exatamente. Licença de saúde. Mas, só que era pra ele me acompanhar. Em duas vezes por mês, era pra mim ir pra ele, pra refazer o exame, fazer um exame mais aprimorado. Aí, só que eu sumi. Eu peguei fui pra Salvador, de Salvador eu fui pra Recife, de Recife eu fui pra Belém, que eu conheço Belém, de Belém fui pra Maceió.

Fui parar em Manaus. Que eu já conhecia tudo isso. Aí, depois eu vim descendo, tudo de novo, pa, pa, pa. Aí, cheguei aqui no Rio fui em casa...

DN - Levou quanto tempo nessa viagem?

RE - Olha, eu fiquei fora do Rio... dentro de um ano, eu fiquei aqui no Rio o máximo um mês, mais ou menos.

DN - Não, nessa viagem que você fez. Por que você foi e voltou, foi e voltou? Ou você foi direto?

RE - Não, eu fui direto. Eu passava umas duas semanas no máximo em cada lugar.

AP - E como é que ficou o seu, a Marinha assim? Você ficou esse tempo todo licenciado?

RE - Fiquei. Só voltei porque... não, eu não estava licenciado. *A priori*, eu estava, mas só que eu tinha a obrigação de me apresentar ao médico, pra ele fazer o acompanhamento. Como eu não apareci, o médico já ficou, começou a ficar preocupado. Então, mas sempre nessas viagens, eu ligava pra um amigo meu: “Oi, fulano. Como é que tá?” “Ah, tá tudo bem. Tá aonde?” “Eu tô aqui em Manaus. Pô, não sei o que...” “Tá. Como é que tá, aí, no Rio? Oh, e a minha casa lá, tá bem?” “Tá.” “Então tá, tchau.” Aí, depois de um mês eu: “Oi, fulano, tudo bem?” “Tá.” Então, eu sempre tinha um contato.

DN - Já estou em outro lugar!

RE - É. Tô assim, assim (*tosses*). Aí, eu só sei que nessa viagem toda, teve um lugar que eu liguei, liguei não, eu tava aqui no Rio. Mas, eu não queria ver ninguém, tava cansado pra caramba. Eu falei: “Pô, quer saber de uma coisa? Vou ligar pro Everson.”, que é um amigo meu. Aí, eu liguei pro Everson e falei. “Rapaz, todo mundo tá doido atrás de você, rapaz. Já foram até lá na tua mãe.” Eu falei: “O que que foi?” Até, então, a minha família não sabia de nada. Aí, eu falei: “O que que houve?” Ele falou, assim: “Pô, cara os caras vão cortar teu pagamento, porque tu tá sumido, aí, tem uma busca e tão buscando você em qualquer lugar, aí.” Eu falei: “Caramba!” Eu falei: “Pô e agora?” Ele falou: “Ó, vai lá no quartel, que no Marcílio tá pegando pra caramba.” Aí, eu peguei e voltei pro Marcílio. Cheguei lá tava, todo mundo muito puto comigo, o capitão, lá, tava quase sendo preso, cadê eu? E eu tinha sumido. Aí, depois dessa, eu falei: “Putá merda! E agora?” Aí, foi que eu iniciei o tratamento mesmo, comecei a tomar medicamento foi nessa época, em 92, mais ou menos. Que eu fiquei sumido um bom tempo.

DN - Ronaldo, eu queria interromper agora, pra gente poder marcar uma outra, um outro dia pra continuar, pode ser?

RE - Pode.

DN - Então tá.

ESSA FITA NÃO FOI INTEGRALMENTE GRAVADA